Carne e Silêncio

Histórias artificiais

A única tristeza verdadeira é não ser santo.

— Leon Bloy

CAPÍTULO I
O Homem de Boa Aparência

——

Hilário

Há uma arte em entrar num lugar e não ser visto. Não a invisibilidade covarde de quem se encolhe — essa eu desprezaria em mim mesmo com uma facilidade que me assustaria. Falo da outra: a do homem que ocupa seu espaço com tanta naturalidade que ninguém sente necessidade de examiná-lo. Aprendi isso sem querer. Ou talvez Deus me tenha ensinado, à Sua maneira oblíqua e pouco sentimental, como ensina quase tudo — pelo avesso, pela falta, pela porta que não abre.

Entro na empresa às sete e quarenta e cinco. Não às oito, que é o horário. Às sete e quarenta e cinco, porque há uma diferença moral entre chegar no limite e chegar antes — diferença que ninguém aqui parece notar, o que me diverte de um modo que prefiro não examinar com cuidado. A diversão às vezes é o último recurso do homem lúcido. Ri antes de ficar amargo, meu pai dizia, sem saber que estava me ensinando uma filosofia inteira com uma frase que ele mesmo não levava a sério.

Cumprimento a Jandira na recepção. Ela sorri com aquele sorriso de quem está com frio, mas não vai admitir. Digo algo sobre o tempo, ela ri, eu sigo. O corredor cheira a café velho e desinfetante de pinho, um cheiro que conheço tão bem que já não o cheiro — ele simplesmente existe, como o zumbido do fluorescente que pisca há quatro meses sobre minha mesa e que já requisitei três vezes que trocassem. Na quarta requisição decidi que o piscar era uma forma de comunicação e parei de reclamar. Há resistências que se vencem e há resistências que se incorporam. A sabedoria está em saber distinguir — e eu nem sempre sei, mas finjo que sei, o que às vezes dá no mesmo.

Minha mesa fica no fundo da sala administrativa. Não o fundo ruim — não aquele canto úmido perto do arquivo morto onde Reginaldo passa os dias com cara de quem foi esquecido pelo mundo, o que provavelmente é verdade e que Reginaldo aceita com uma passividade que oscila, aos meus olhos, entre a santidade e a patologia, sem que eu consiga determinar com certeza de qual lado a balança pende.

O meu fundo é o fundo estratégico: vejo tudo, sou visto por quase ninguém. De onde estou consigo observar quem chega atrasado, quem sai mais cedo, quem passa tempo demais na copa, quem faz cara de trabalho enquanto lê notícia de futebol, quem telefona baixinho para alguém que não é do trabalho nem da família, quem olha o relógio com uma frequência que denuncia não o tédio, mas a ansiedade. Esse conhecimento não me serve para nada prático. Acumulo-o assim mesmo, por um hábito de atenção que Perpétua diz ser meu único vício verdadeiro, o que é generoso da parte dela — tenho outros, mais dispendiosos, que ela conhece e sobre os quais mantemos, por acordo tácito e misericordioso, o mesmo silêncio que mantemos sobre tantas outras coisas.

Abro a pasta de processos do dia. São quatorze. Ontem eram dezesseis e fechei os dois que sobraram às dezoito e vinte, quando a sala já estava vazia e o fluorescente piscava com uma insistência que naquele momento me pareceu quase compassiva — como se a luz também soubesse que não havia mais ninguém para ver, e piscasse apenas para mim, por solidariedade ou por hábito, que são coisas que nos velhos e nas lâmpadas com defeito acabam se confundindo. Ninguém pediu que eu ficasse. Ninguém agradeceu. O sistema registrou o fechamento dos processos com a indiferença perfeita das máquinas, que é o tipo de justiça mais honesta que conheço — não porque seja justa de fato, mas porque ao menos não finge.

Osvaldo chega às oito e doze. Não é um homem mau. Preciso dizer isso com a clareza que o caso exige, porque é fácil transformar em vilões as pessoas que nos incomodam, e eu tenho resistido a essa facilidade com um esforço que às vezes me parece heróico e às vezes me parece apenas tolo. Osvaldo não é mau — é aquele tipo específico de homem que desenvolveu, ao longo dos anos, uma habilidade extraordinária para ocupar espaços sem preenchê-los. Está sempre presente sem nunca estar inteiramente lá. Fala muito sem dizer nada que possa ser usado contra ele. Sorri com uma regularidade que sugere não alegria, mas cálculo, embora eu não acredite que seja um cálculo consciente — é mais uma adaptação, como a do lagarto que muda de cor sem saber que muda.

Sorri para mim com aquele sorriso largo que os homens usam quando querem parecer mais despreocupados do que são.

— Hilário, meu caro. Tudo bem com a família?

— Tudo ótimo — digo. — Os meninos crescendo.

Uso os meninos como termo coletivo que inclui a menor, que tem três anos e o cabelo sempre escapando da trança que Perpétua faz às pressas às seis e meia da manhã. Não corrijo. A imprecisão é uma proteção — quanto menos Osvaldo souber sobre meus filhos, menos munição tem para o tom que vem a seguir, que é tão previsível que às vezes o antecipo mentalmente como exercício, e a versão real raramente difere da que imaginei.

— Quatro filhos, hein — ele diz.

O tom é sempre o mesmo. É o tom de quem diz que coragem, mas pensa que irresponsabilidade. É o tom de quem calculou mentalmente — num cálculo rápido, quase reflexo — o custo de quatro filhos contra o salário que imagina que eu tenho, e chegou a uma conclusão que o deixa simultaneamente superior e levemente perturbado, como diante de alguém que não seguiu as instruções e de algum modo ainda está de pé. Aprendi a receber esse tom com um sorriso que não explica nada.

— Quatro — confirmo, e volto aos processos.

Osvaldo fica um segundo parado, como se esperasse que eu acrescentasse algo — um lamento, um sinal de cansaço, qualquer coisa que o autorizasse a sentir-se em vantagem. Não acrescento nada. Depois de um momento que ele tenta disfarçar como distração, segue para sua mesa. Ouço o som da cadeira dele, o ligar do computador, o acesso ao sistema que faz sempre o mesmo bip que o meu faz — somos iguais nisso, ao menos: os bips são democráticos.

O café que trouxe de casa numa garrafinha térmica já esfriou um pouco, mas ainda serve. Perpétua o preparou às seis da manhã, antes de acordar os filhos, antes de arrumar as mochilas, antes de separar o uniforme do menor — do segundo menor, corrijo mentalmente, porque o menor tem três anos e ainda não tem uniforme, tem aquele macacão azul que foi do irmão mais velho e que ela lavou à mão ontem à noite porque a máquina está com o ciclo de centrifugação com defeito há três semanas e consertar custa o que não temos. Ela tirou uma mancha do uniforme do segundo menor com uma paciência que eu não teria e que observei da soleira do banheiro enquanto me barbeava, com a navalha que uso há dois anos e que já não corta como deveria mas que corta o suficiente, que é uma distinção que aprendi a aplicar a muitas coisas.

Não disse nada. Ela não disse nada. Entre nós há uma economia de palavras que não é frieza — que eu deixe isso absolutamente claro, para mim mesmo antes de

qualquer outro, porque há momentos em que a clareza precisa ser afirmada em voz alta dentro da própria cabeça, como uma oração de resistência. Não é frieza. É a linguagem dos que aprenderam que o essencial raramente precisa ser dito e que o supérfluo cansa, e que entre o essencial e o supérfluo há um território enorme de coisas que se comunicam de outros modos — um olhar, uma xícara de café deixada no lugar certo, um cobertor puxado sem que o outro acorde.

Bebo o café. Está bom. Sempre está bom, o café que ela faz, com uma proporção que ela nunca mediu e que eu nunca perguntei porque algumas coisas existem exatamente porque não são examinadas.

Fora, a cidade faz seu barulho habitual de cidade que não sabe que existe. Toda cidade é assim — uma aglomeração de urgências que se convencem de ser o centro do mundo, quando o mundo nem sabe seu nome. Cresci numa cidade menor, que tinha a humildade das cidades menores, que ao menos não fingiam importância. Esta aqui finge. Mas também me emprega, e emprega Perpétua, e tem uma escola razoável para os dois mais velhos e uma creche para os dois menores, e uma paróquia a doze minutos de caminhada onde o padre Agostinho diz missa às seis da manhã de domingo com uma voz que parece vir de mais longe do que o altar, e onde levamos as crianças quando conseguimos acordá-las a tempo, que não é sempre, que não é quase nunca nos meses em que o cansaço acumulado pesa mais do que o dever, e sobre isso eu e Deus temos um entendimento que não precisa de intermediários.

Processo número um: nota fiscal contestada, valor em aberto, três departamentos cobrando solução. O problema é antigo — data de uma gestão anterior, de um acordo verbal que ninguém registrou por escrito porque quem fez o acordo confiava demais em sua própria memória ou em sua própria permanência, e ambas traíram. Leio com atenção. Há uma saída técnica que ninguém viu, ou que viram e preferiram não ver porque a saída exige admitir um erro de procedimento de dois anos atrás, e admitir erros de procedimento é uma forma de criar inimizades que duram mais do que os erros. Anoto a saída. Decido como apresentá-la de um modo que não pareça acusação. É um trabalho paralelo ao trabalho — o trabalho de fazer o trabalho sem que os outros se sintam diminuídos pelo fato de que você o fez. Levo tanto tempo nesse trabalho paralelo quanto no principal, às vezes mais, e não está em nenhuma descrição de cargo, e nunca estará.

Às nove e meia, Doutor Ércio passa pela sala.

Preciso descrever Doutor Ércio com a justiça que ele merece, que não é pouca, embora seja de um tipo específico. É um homem de uns cinquenta e cinco anos que chegou aonde chegou por uma combinação de competência real e lealdade estratégica — lealdade não aos princípios, que é a lealdade cara, mas às pessoas certas, que é a lealdade que avança. Não o desprezo por isso. Seria hipócrita. Todos fazemos escolhas com o material que temos, e o material que Doutor Ércio teve era diferente do meu, o que significa que as escolhas disponíveis também eram diferentes, o que significa que comparar seria injusto. O que posso dizer é que ele é um homem que aprendeu a parecer mais do que sente e a sentir menos do que deveria, e que nesse equilíbrio específico construiu uma carreira sólida e uma solidão que ele provavelmente não reconhece como solidão porque nunca a examinou com tempo suficiente.

Passa pela sala sem olhar para ninguém, o que é sua forma de olhar para todos. Para diante do mural de processos, examina os prazos com uma seriedade que aprecio — é genuína, essa seriedade, é o resíduo honesto de uma competência que um dia foi maior do que o cargo e que agora é exatamente do tamanho do cargo, o que é um tipo diferente de tragédia que não me cabe nomear.

— Hilário, o processo da Metalúrgica Branco foi encaminhado?

— Ontem às dezoito horas — digo.

Ele assente. Não diz bom trabalho. Nunca diz. Há anos interpreto esse silêncio como uma forma severa de respeito — a suposição de que o trabalho bem feito não precisa de elogio porque o elogio seria condescendente, seria tratar o óbvio como extraordinário. Pode ser que eu esteja errado. Pode ser que seja simplesmente um homem que não elogia. Prefiro não verificar, porque a verificação destruiria uma interpretação que me custa pouco e me serve muito, e há economias que se fazem não no dinheiro, mas na maneira de ler o mundo.

Doutor Ércio sai. O fluorescente pisca. Osvaldo digita com dois dedos, como sempre, numa velocidade que me impressiona pela sua constância medíocre — nunca rápido, nunca lento, sempre exatamente o ritmo de quem faz o suficiente para não ser questionado. É um talento, à sua maneira. Não o meu, mas um talento.

Processo número dois: solicitação de manutenção preventiva, três unidades, prazo vencido. Processo número três: relatório de consumo de insumos, segundo trimestre, divergência de quatro vírgula três por cento que ninguém explicou e que

eu vou explicar porque é o tipo de coisa que não some sozinha, apenas cresce, e as coisas que crescem no escuro raramente crescem para o bem. Processo número quatro, cinco, seis.

O trabalho tem uma virtude que a vida nem sempre tem: é específico. Exige atenção para uma coisa de cada vez, e a atenção para uma coisa de cada vez é o único estado em que a mente descansa de si mesma. Não penso, enquanto trabalho, no aluguel que vence na próxima semana e que vai comprometer o que separo para as compras do mês. Não penso no sapato do mais velho que está com a sola colada provisoriamente com aquela cola de contato que segurou por mais tempo do que eu esperava, mas que não vai segurar para sempre. Não penso no médico da menor que precisamos marcar e que não marquei ainda porque marcar envolve uma sequência de decisões financeiras que prefiro adiar até que a sequência se torne inevitável. Não penso em nada disso. Penso nos processos. Os processos são concretos. Os processos têm solução.

Às onze e quarenta, Geraldo se aproxima da minha mesa com aquela caminhada de quem tem uma informação e quer ser visto carregando-a. Geraldo é o tipo de pessoa que existe em todos os ambientes fechados — o mensageiro voluntário, o articulador de bastidores, o homem que sabe das coisas porque as coisas passam por ele numa corrente que ele alimenta com cuidado e competência. Não é malévolo. É funcional. Cumpre uma função que o ambiente criou e que alguém preencheria de qualquer modo. O fato de ser Geraldo e não outro é uma questão de vocação.

— Hilário — ele diz, com aquela voz levemente abaixada que é a voz das confidências que serão repetidas. — Você soube?

— Depende do que é — digo, sem tirar os olhos do processo.

— A vaga do Maurício. Quando ele se aposentar.

Levanto os olhos. Não rápido — devagar, com a velocidade de quem controla o que o rosto mostra, que é uma habilidade que desenvolvi ao longo de anos e que Perpétua diz ser a coisa mais irritante e a coisa mais admirável que há em mim, dependendo do dia.

— O Maurício vai se aposentar?

— Final do ano. Já está acertado. — Geraldo se inclina levemente, o que é o gesto de quem está prestes a dizer o que veio dizer. — Dizem que o Doutor Ércio já tem um nome.

Espero. Não pergunto qual é o nome. Perguntar seria mostrar que o nome me importa, e o nome me importa demais para que eu mostre que importa.

Geraldo espera também. Somos dois homens esperando que o outro ceda primeiro, o que é uma negociação que acontece dezenas de vezes por dia em todos os escritórios do mundo sem que ninguém a nomeie como negociação.

— Bom — digo, eventualmente, e volto ao processo.

Geraldo fica um segundo. Vai embora. Ouço seus passos se distanciarem com a ligeira aceleração de quem vai levar para outro lugar a informação que não conseguiu vender aqui.

Fico olhando para o processo sem ler.

A vaga do Maurício é coordenador de operações administrativas. É o cargo que deveria ser meu — não por ambição pessoal, que é uma palavra que aprendi a usar com moderação porque a ambição pessoal sem os meios de satisfazê-la é uma forma de sofrimento que não preciso cultivar. É o cargo que deveria ser meu porque sou eu quem faz o trabalho que o cargo exige, há pelo menos três anos, sem o título, sem o salário correspondente, sem o reconhecimento formal — com o reconhecimento informal de Doutor Ércio, que assente quando pergunto se o processo foi encaminhado e que nunca diz bom trabalho, o que eu interpreto como respeito, mas que pode ser simplesmente silêncio.

O nome que Doutor Ércio tem, eu sei qual é. Não preciso que Geraldo me diga. É o nome de Fábio Augusto, que tem trinta e dois anos e um tio que joga golfe com o diretor geral às quartas-feiras, e que executa seu trabalho com a competência suficiente de quem sabe que a competência suficiente é suficiente quando se tem um tio que joga golfe com o diretor geral às quartas-feiras. Não é um homem mau, Fábio Augusto. Essa distinção começa a me parecer um refrão, e percebo que a repito tanto porque é verdade e porque a verdade, nesse caso, é o que torna tudo mais difícil — seria mais simples se eles fossem maus.

Volto ao processo. A divergência de quatro vírgula três por cento tem origem num erro de lançamento do terceiro mês, corrigível, rastreável, documentável. Escrevo o relatório com a precisão que o caso exige. Faço isso porque é o que faço.

Porque é o que sou, independente de quem receba o cargo que deveria ser meu no final do ano, independente do tio e do golfe e das quartas-feiras.

Ao meio-dia, os colegas saem em grupos para o almoço. Falam de restaurante, de prato feito, daquele lugar novo que abriu na rua de trás que dizem ser bom e barato, combinação que desperta em mim um interesse que não posso demonstrar porque demonstrá-lo seria o primeiro passo de uma conversa que terminaria em convite e o convite terminaria em desculpa e a desculpa terminaria em constrangimento que prefiro poupar a todos, inclusive a mim.

— Vem com a gente, Hilário?

— Trouxe marmita hoje — digo.

É verdade. A marmita está na gaveta inferior da mesa, numa lancheira que Perpétua comprou há dois anos numa liquidação e que tem uma estampa desbotada que ela cobre com um pano de prato quando está em casa, por uma questão de estética que respeito sem entender completamente. Dentro da marmita há arroz, feijão, um pedaço de frango que ela dividiu em porções com aquela matemática silenciosa que ela faz sem papel e sem calculadora, a matemática de quem sabe exatamente quanto há e quanto é necessário e qual a diferença entre os dois números, diferença que é sempre menor do que deveria ser e que ela compensa de maneiras que finjo não notar porque notar seria nomear e nomear seria tornar real de uma forma que resistimos, os dois, com uma teimosia que talvez seja a coisa mais parecida com heroísmo que nos é permitida.

Ninguém examina a desculpa. Ninguém examina a marmita. Os grupos saem com o barulho alegre de quem vai almoçar sem calcular o almoço, e a sala fica vazia, e o fluorescente pisca, e como sozinho na minha mesa com a marmita aberta e a cidade lá fora fazendo seu barulho de cidade.

Penso em Perpétua.

Ela está do outro lado da cidade, numa repartição pública que funciona num prédio antigo com o ar-condicionado central que congela o corredor e não chega às salas internas, de modo que os funcionários das salas internas vivem num calor que contrasta com o frio do corredor de uma forma que parece intencional, mas é apenas o resultado de décadas de manutenção adiada e de decisões orçamentárias tomadas por pessoas que nunca trabalharam nas salas internas. Ela usa o blazer azul nas manhãs, porque o corredor é frio, e o dobra sobre a cadeira no início da tarde,

porque a sala esquenta. Conheço esse ritual sem nunca o ter visto — ela me descreveu uma vez, de passagem, e eu guardei porque guardo as coisas que ela diz de passagem com um cuidado que não guardo com as coisas que ela diz com ênfase, o que ela sabe e sobre o qual também mantemos o silêncio que mantemos sobre tudo o que sabemos.

Pergunto a mim mesmo o que ela está fazendo agora, neste momento, enquanto como o frango que ela dividiu em porções com sua matemática silenciosa. Provavelmente está num processo qualquer, num papel que circula entre mesas com a velocidade dos papéis que ninguém quer segurar por muito tempo. Provavelmente está com aquela expressão que ela tem quando trabalha — concentrada, levemente franzida entre as sobrancelhas, uma expressão que os filhos herdaram todos os quatro e que reconheço em cada um deles como reconheço um idioma que aprendi antes de aprender a falar.

Provavelmente está bem.

Rezo o primeiro mistério do terço antes que o telefone toque.

À tarde, processo número oito, nove, dez. O fluorescente pisca com uma constância que começa a parecer ritmo, e ritmo é quase música, e música é quase graça, e com isso me entretenho nos intervalos entre um processo e outro porque o entretenimento gratuito é a única forma de entretenimento que está sempre disponível.

Geraldo volta às quinze horas com outra informação, desta vez sobre o cronograma de manutenção das unidades externas, que está atrasado por razões que ele descreve com uma riqueza de detalhes que sugere conhecimento de causa e que de fato sugere apenas que ele esteve na sala de Doutor Ércio mais cedo e ouviu a conversa através da parede, que é fina, e que Geraldo sabe que é fina, e que Doutor Ércio provavelmente também sabe mas faz a gentileza de fingir que não sabe, porque o fluxo de informações que Geraldo distribui tem uma utilidade difusa que um homem de cinquenta e cinco anos com a experiência de Doutor Ércio sabe reconhecer e preservar.

Ouço o cronograma. Faço perguntas pertinentes. Anoto o que é anotável. Geraldo vai embora satisfeito, que é o estado em que Geraldo rende melhor — satisfeito e em movimento, carregando para o próximo destino a confirmação de que foi útil.

Osvaldo se aproxima às quinze e trinta com um formulário que precisa de uma assinatura que não é dele nem minha, mas que ele traz até mim porque a pessoa cuja assinatura é necessária está em reunião e ele prefere delegar a esperar, o que é um resumo razoável de sua carreira inteira. Assino onde posso assinar. Digo onde ele deve conseguir a outra assinatura. Ele agradece com aquele sorriso de quem já sabia a resposta, mas precisava da confirmação, que é a forma mais eficiente de não pensar.

Às dezessete horas, Doutor Ércio chama. Não a mim — chama a Fábio Augusto, que sai da sua mesa com uma pressa que tenta disfarçar de calma. Fico olhando para o processo número doze. Ouço, pelo volume impreciso que vaza pela parede fina, uma conversa cujo conteúdo não distingo, mas cujo tom reconheço — é o tom das conversas em que se decide algo que alguém já decidiu, mas que precisa parecer uma conversa.

Fábio Augusto volta para a mesa com aquela expressão específica de quem foi confirmado numa esperança que já era certeza. Não olha para mim. Não olha para ninguém. Se senta, abre o computador, e fica olhando para a tela com a satisfação contida de quem acaba de dar um passo que os outros ainda não sabem que ele deu.

Volto ao processo doze. A solução está clara. Escrevo o relatório com a caligrafia do computador, que é precisa e sem personalidade, que é como os relatórios devem ser.

Saio às dezoito e trinta. O fluorescente ainda pisca.

Na rua, o ônibus passaria em oito minutos. Tenho o valor da passagem. Tenho também a consciência de que esse valor, somado à passagem de amanhã e de depois, compõe um número que compõe outro número que compõe a diferença entre o que entra e o que é necessário, diferença que é sempre menor do que deveria ser. Caminho.

São quarenta minutos a pé por uma cidade que não sabe meu nome. Passo pelo comércio que fecha, pelas pessoas que têm pressa para lugares que não me dizem respeito, pelas vitrines que mostram coisas que existem num mundo paralelo ao meu e que não me causam inveja — isso eu afirmo com a honestidade que me resta, que não é pouca: não me causam inveja. Me causam uma espécie de estranhamento, como quem olha para um aquário. Ali dentro tudo se move, tudo tem cor, tudo parece urgente. Cá fora eu caminho.

Os mistérios dolorosos, porque é terça-feira. A coroa de espinhos, os açoites, a queda, que é sempre a queda que me detém mais — não o peso da cruz, que é visível, mas o ato de cair, que é o momento em que o corpo diz não consigo mais e a vontade diz continua, e a vontade vence, e isso não é glória, é apenas o que acontece quando não há outra opção. Identifico-me com a queda mais do que com qualquer outra coisa na teologia inteira, o que provavelmente diz algo sobre mim que um padre saberia nomear melhor do que eu.

Chego em casa às dezenove e dez.

A porta tem uma fechadura que range desde setembro e que lubrifiquei duas vezes com o que tinha disponível, resultado provisório. Entro. O cheiro é o cheiro de casa — comida, criança, sabão, o leve mofo da parede do fundo que trata com cal quando fica visível e que volta quando a umidade volta, uma negociação sem vencedor que aceito como aceito o fluorescente.

Perpétua está na cozinha. Os dois mais velhos estão na mesa da sala com os cadernos abertos, o que é a imagem que me recebe com mais frequência e que carrego como se carrega uma medalha que ninguém vê — eles estudam, os dois mais velhos, com uma seriedade que não lhes ensinei porque não sei ensinar seriedade, apenas praticá-la, e talvez seja isso, talvez a seriedade se transmita pelo exemplo mais do que pela instrução, o que seria uma boa notícia.

O segundo menor está no chão com um caminhão de plástico que ganhou numa festa de aniversário do colega, meses atrás, e que perdeu uma roda, mas que ainda rola se empurrado com o ângulo certo, o que ele descobriu sozinho e que me parece, toda vez que vejo, uma metáfora que prefiro não desenvolver.

A menor está no colo de ninguém, que é onde está quando Perpétua está cozinhando — no chão, com aquele equilíbrio que as crianças de três anos têm e que perdem depois, esse equilíbrio de não precisar estar em lugar nenhum específico para estar bem.

Perpétua me olha — só me olha, um segundo, da entrada da cozinha.

Nesse segundo há uma informação completa que nenhum dos dois vai transformar em palavras esta noite. Ela sabe que algo aconteceu. Eu sei que algo aconteceu com ela também. Reconhecemos nos rostos um do outro a marca específica do dia que custou mais do que deveria custar, que é uma marca que não

tem forma, mas que doze anos de casamento ensinaram a ler com uma precisão que nenhuma palavra alcançaria.

— Oi — ela diz.

— Oi — digo.

Entro. Dou um beijo na menor, que ri. Passo a mão na cabeça do segundo menor, que não levanta os olhos do caminhão. Olho para os dois mais velhos nos cadernos.

— Como foi? — pergunto, para os cadernos.

— Bem — diz o mais velho, que tem doze anos e uma economia de palavras que herdou de mim, ou de Perpétua, ou dos dois, ou simplesmente da vida que temos, que é austera em muitas coisas inclusive nas palavras desnecessárias.

— Bem — repete o segundo, que tem nove e que repete o irmão por um hábito de admiração que vai durar mais alguns anos antes que a individualidade o vença.

Vou ao banheiro. Lavo o rosto. Olho para o espelho com o olhar rápido de quem não quer ver demais — o suficiente para confirmar que o rosto ainda está lá, que a boa aparência, como Osvaldo e Geraldo e Doutor Ércio e Fábio Augusto e todos os outros presumem, continua intacta. Está. O rosto que eles veem é este. O que está por baixo não é para eles.

Janto o que há.

Há arroz, feijão, o complemento que ela compôs com o que tinha — não pergunto o que é, porque perguntar seria o início de uma conversa sobre o que não havia, e essa conversa a cansaria e me cansaria e não mudaria o que há na mesa. Como. Está bom. Está sempre bom o que ela faz, com os ingredientes que tem, com a matemática que não escreve, com as mãos que de manhã tiraram a mancha do uniforme e de tarde segurou uma caneta numa repartição e agora servem o prato do segundo menor que não consegue se servir sozinho ainda.

As crianças vão dormir. Os dois mais velhos primeiro, com alguma resistência ritual que cedemos às vezes e não cedemos outras, sem um critério claro, o que talvez seja o critério. Os dois menores depois, com a cerimônia do cansaço que as crianças pequenas têm — o choro breve, o corpo que pesa, o sono que chega antes que a cama esfrie.

Perpétua e eu ficamos na sala. A televisão está apagada — não por princípio, mas porque a conta de energia entrou num cálculo de cortes que ainda não revertemos. Sentamos. Há uma meia luz que vem da cozinha.

— Souberam de alguma coisa sobre a vaga do Maurício? — ela pergunta, sem olhar para mim.

Ela sabe. Não sei como, mas sabe — talvez pela forma como entrei, pelo segundo de olhar na cozinha, pela leitura de doze anos que ela faz melhor do que eu faço dela.

— Ainda não é oficial — digo.

Ela assente. Não pergunta mais. Não precisa.

— E você? — pergunto.

Uma pausa. Pequena, mas que conheço.

— Dia normal — ela diz.

Não é verdade. Sei que não é verdade com a mesma certeza com que sei outras coisas que não examino porque examinar custaria mais do que temos agora para gastar. Aceito a resposta. Ela aceita a minha. Entre nós, a meia luz e o silêncio que não é frieza.

Rezo as últimas Ave-Marias do terço que comecei a caminho. Ela dorme antes de eu terminar — ou finge dormir, o que é a mesma coisa quando o corpo precisa de repouso que a cabeça não concede. Fico acordado mais um pouco com o quinto e o sexto mistério e com o barulho da cidade que entra pela janela como entra sempre, sem pedir licença, sem saber que entra.

Durmo.

Amanhã são quinze processos.

E o nome que Doutor Ércio tem, eu já sei qual é.

CAPÍTULO II
A Mulher de Postura Ereta

——

Perpétua

Há mulheres que choram no banheiro do trabalho. Eu sei disso porque ouvi, mais de uma vez, o som específico do choro contido — aquele choro que se faz com a boca fechada e a água aberta, que é o choro mais honesto que existe porque não pede audiência. Ouvi e fingi não ouvir, que é a forma mais digna de misericórdia que o banheiro de uma repartição pública permite. Nunca fui eu. Não por força — force não é a palavra. Por uma questão de geometria interior: há coisas que, se saírem, não voltam na forma certa, e eu preciso que voltem na forma certa porque às seis da manhã tem café para fazer e mochila para arrumar e mancha para tirar e criança para acordar com uma voz que não denuncia o que a noite anterior custou.

Então não choro no banheiro.

Choro de outras formas, em outros lugares, que não vou descrever porque algumas economias se fazem também na narrativa.

Entro na repartição às oito menos cinco. Não às oito, que é o horário. O costume é meu — ou melhor, é herança de Hilário, que chega em todo lugar antes do tempo com aquela pontualidade silenciosa que eu admiro e que às vezes me irrita, porque admirar e ser irritado pela mesma coisa é um dos privilégios específicos do casamento longo. Chego antes do tempo porque é o que faço. Porque entre a mulher que chega no limite e a mulher que chega antes há uma diferença que ninguém vê mas que eu sinto — é a diferença entre correr e caminhar, entre reagir e existir.

A repartição funciona num prédio de quatro andares construído nos anos setenta com aquela arquitetura que pretendia ser moderna e que o tempo transformou em melancolia concreta. As paredes são de um bege que foi escolhido para ser neutro e que conseguiu ser apenas triste. Os corredores têm um ar-condicionado central que congela quem passa e não chega a quem trabalha, o que é uma metáfora da instituição inteira que não me cansa de perceber, mesmo depois de seis anos de blazer azul na entrada e suor discreto na sala interna.

Minha sala tem quatro mesas. A minha é a segunda da esquerda, posição que escolhi no primeiro dia e que ninguém disputou, o que me pareceu na época indiferença e que entendi depois ser uma forma de respeito que precede o conhecimento — as pessoas, às vezes, reconhecem antes de saber o que reconhecem. A mesa tem uma gaveta que trava só do lado esquerdo, um defeito que aprendi a contornar com uma pressão específica do joelho, movimento que executo agora sem pensar, como se executa tudo que o corpo incorporou antes que a mente decidisse incorporar.

Thereza chega às oito e três, que é o horário dela, que é o horário de todos, que é o horário que Thereza interpreta como sugestão. Thereza tem quarenta e dois anos e uma competência genuína que esconde atrás de uma sociabilidade tão bem construída que às vezes me pergunto se ela mesma sabe que é construída. É a pessoa na sala que mais sabe sobre as vidas de todos — não por bisbilhotice, que seria mais simples, mas por uma habilidade específica de fazer perguntas que parecem interesse e que são também coleta, numa operação dupla que ela executa com uma naturalidade que só se tem quando se pratica desde cedo.

Gosta de mim. Tenho certeza disso, e a certeza vem de um lugar mais confiável do que a simpatia — vem da forma como ela me defende quando não estou presente, o que sei por terceiros e que nunca confirmei com ela porque confirmar transformaria a defesa em dívida, e dívidas relacionais são as mais caras.

— Perpétua — ela diz, como sempre, com aquele tom de quem acaba de se lembrar de algo agradável.

— Thereza — digo, com o sorriso que tenho para ela, que é diferente do sorriso que tenho para os outros e que ela saberia distinguir se comparasse, embora nunca compare porque as pessoas raramente examinam os sorrisos que recebem quando o sorriso as satisfaz.

Doutora Conceição chega às oito e quinze com a pasta preta que carrega todos os dias e que nunca vi aberta, o que é ou um mistério ou um hábito ou ambos, que com Doutora Conceição são categorias que se confundem. É a chefe direta. Tem cinquenta anos e uma autoridade que vem não de quem ela é mas de quem ela conhece, o que é uma distinção que ela nunca faria mas que é real, e que a torna poderosa de um modo específico — poderosa nas situações que dependem de telefonemas e nula nas situações que dependem de julgamento. Cumprimenta a sala

com um aceno geral que não distingue ninguém, o que é, paradoxalmente, sua forma de ser justa.

O trabalho começa.

Sou analista de processos administrativos, que é um título que descreve com precisão burocrática e imprecisão total o que faço, porque o que faço é garantir que as coisas que deveriam funcionar funcionem, num ambiente em que a tendência natural de tudo é não funcionar, o que significa que meu trabalho é uma resistência constante à entropia institucional, resistência que não está descrita no meu cargo e que seria difícil de descrever sem soar ou arrogante ou amarga, e eu não quero ser nenhuma das duas coisas, então não descrevo.

O processo da manhã é um ofício que circula há três meses entre quatro setores sem que nenhum deles o assine, porque assinar é decidir e decidir é assumir e assumir é o que ninguém quer fazer num ambiente em que os erros ficam e as pessoas mudam. Leio o histórico do ofício com a atenção de quem lê uma palimpsesto — cada despacho por cima do anterior, cada encaminha-se para apreciação por cima do encaminha-se para apreciação do mês anterior, numa estratigrafia de omissões que teria algo de cômica se não representasse, no final da cadeia, uma família sem a licença que o ofício deveria liberar.

Resolvo o que posso resolver com a autoridade que tenho. O que não posso resolver encaminho com uma nota que é precisa o suficiente para que quem receber não consiga fingir que não entendeu, que é a única forma de pressão disponível para quem não tem poder formal — a clareza como forma de constrangimento produtivo.

Às dez da manhã, Rogério passa pela sala.

Preciso descrever Rogério com a justiça que o caso exige, que é uma justiça difícil — não porque ele seja complexo, mas porque a complexidade está na minha relação com ele, que começou simples e ficou complicada de um modo que ainda estou nomeando para mim mesma, um nome por vez, com o cuidado de quem desembrulha algo que pode estar quebrado e que, se estiver, precisará ser descartado de uma forma que não deixe os cacos visíveis.

Rogério tem quarenta e oito anos. É chefe de outro setor — não o meu, o que é relevante, porque se fosse o meu a geometria do problema seria diferente. Tem uma posição de alguma influência, do tipo que não é grande o suficiente para mudar as coisas mas é grande o suficiente para complicá-las. É casado, o que sei não porque

ele mencione a esposa mas porque não a menciona nunca, que é a forma como os homens que têm algo a esconder tratam as esposas — como um detalhe arquitetônico que preferem não destacar.

No começo era apenas um colega de corredor. Um homem de passagem, um cumprimento, uma pergunta sobre os processos que eventualmente cruzavam nossos setores. Nada que uma mulher de doze anos de casamento e quatro filhos e seis anos de repartição pública não soubesse administrar com a competência discreta de quem administra tudo com competência discreta.

Não sei dizer quando mudou. Não há um momento claro, um dia específico que eu possa apontar e dizer: aqui. Há uma acumulação. Uma presença que foi ficando mais frequente, mais próxima, mais consciente de si mesma. Uma atenção que deixou de ser profissional — não de uma vez, não com um gesto inequívoco que eu pudesse nomear imediatamente, mas de um modo gradual e calculado que é, percebo agora, a forma mais eficiente de instalar algo que a outra pessoa ainda não tem linguagem para recusar.

Passa pela sala às dez da manhã. Para na entrada com aquela postura de quem está de passagem mas não está.

— Perpétua. Bom dia.

— Bom dia — digo, sem levantar os olhos do processo.

— Você tem um minuto? Tem um encaminhamento aqui que queria checar com você.

Tenho um minuto. Tecnicamente, sempre tenho um minuto — meu trabalho não é o tipo que não pode ser interrompido, o que ele sabe porque observou meu trabalho com a atenção específica de quem está construindo um argumento de acesso. Levanto os olhos. Ele está na entrada com uma pasta — há sempre uma pasta, há sempre um pretexto concreto e razoável que torna a recusa difícil sem torná-la impossível.

Me levanto. Vou até a entrada. Não saio da sala — parei de sair da sala com ele há algumas semanas, numa decisão que não tomei conscientemente mas que meu corpo tomou antes que a cabeça formalizasse, e que ele percebeu e nunca comentou, o que é a prova de que percebeu.

O encaminhamento é real. Sempre é real — esse é o aspecto do problema que torna o problema difícil de nomear para quem está de fora. Não há pretexto falso.

Há um pretexto real usado de um modo que não é o seu único propósito, o que é mais sofisticado e mais perverso do que o pretexto falso, porque o pretexto falso pode ser apontado e o pretexto real não pode.

Resolvo o encaminhamento em três minutos. Ele demora cinco, porque os dois minutos extras são o que ele veio buscar, e nesses dois minutos há um comentário sobre meu trabalho que é elogio demais para ser apenas profissional, e um olhar que dura um segundo a mais que todos os olhares anteriores, e uma proximidade física de alguns centímetros a menos que o razoável — nada que eu possa levar à Doutora Conceição, nada que tenha nome jurídico claro, tudo que meu corpo reconhece com a certeza animal que o corpo tem para as coisas que a linguagem ainda não alcançou.

— Obrigado — ele diz. — Você sempre resolve tudo.

Sorrio. É o sorriso que tenho para ele, que é diferente de todos os outros sorrisos que tenho porque é o único que construo conscientemente, tijolo por tijolo, enquanto o executo — amplo o suficiente para ser educado, fechado o suficiente para não ser convite.

Volto para a mesa. Thereza me olha um segundo e olha para outro lado. Ela sabe. Não tudo — ninguém sabe tudo porque não há tudo ainda, há um acúmulo de nadas que somados fazem algo que ainda não tem nome completo. Mas Thereza sabe o suficiente para ter olhado e ter desviado, que é o gesto de quem reconhece mas ainda não decidiu o que fazer com o reconhecimento.

Volto ao processo. A família sem a licença espera.

O almoço é uma maçã e o resto do pão que trouxe de casa embrulhado num guardanapo de pano, que é o tipo de detalhe que ninguém nota se você come rápido e sem cerimônia, e que eu como rápido e sem cerimônia não por vergonha — vergonha seria o sentimento errado, e tenho me recusado aos sentimentos errados com uma disciplina que às vezes confundo com saúde e às vezes suspeito ser apenas orgulho, que é o pecado mais difícil de distinguir da dignidade. Como rápido porque há um processo que precisa sair antes das quatorze horas e porque a maçã e o pão são o suficiente e o suficiente basta.

Thereza volta do almoço às doze e cinquenta e traz na voz o cheiro de restaurante e de conversa de mesa, que é um cheiro que conheço e que não invejo — invejo seria, de novo, o sentimento errado. Sinto algo mais próximo de uma saudade prospectiva: não do que tive e perdi, mas do que nunca tive na forma em que ela

tem, e que talvez um dia terei, e talvez não, e com isso faço a paz que posso fazer numa tarde de quarta-feira com uma maçã e um processo atrasado.

— Você não foi almoçar? — ela pergunta, com aquele tom que não é acusação mas quer entender.

— Estava terminando uma coisa — digo. — Já comi aqui mesmo.

Ela assente. Não pergunta o que comi. É inteligente demais para perguntar o que claramente não deve ser perguntado — é essa inteligência específica, a de saber o que não perguntar, que a torna suportável num ambiente em que a maioria das pessoas faz exatamente as perguntas que não deveriam fazer.

À tarde, Doutora Conceição me chama.

A sala dela é separada da nossa por uma porta de vidro fosco que sugere privacidade sem garantir sigilo, o que é um resumo razoável de sua gestão. Sento na cadeira à frente de sua mesa. Ela tem a pasta preta à esquerda, aberta pela primeira vez que vejo — não há nada extraordinário dentro, apenas papéis que poderiam estar em qualquer pasta, o que me faz pensar que a mistificação da pasta fechada era apenas isso, mistificação, e que por trás dela há apenas papéis comuns, o que é tanto decepcionante quanto revelador.

— Perpétua — ela começa, com aquele tom de preâmbulo que os chefes usam quando vão dizer algo que preferiram não pensar com muita antecedência. — Você está satisfeita com seu trabalho aqui?

É uma pergunta armadilha — não pela intenção, que não é malévola, mas pela estrutura. Satisfeita é uma palavra que neste contexto significa coisas demais para ser respondida honestamente sem consequências que não estou preparada para administrar hoje. Respondo com a satisfação que posso confirmar sem mentir.

— Gosto do que faço — digo. — Acho que entrego bons resultados.

— Entrega — ela confirma, e o tom da confirmação é o tom de quem concorda com um fato que preferia não ser tão evidente. — Por isso queria conversar. Tem uma possibilidade de progressão de carreira abrindo no setor de coordenação. Você seria uma candidata natural.

Espero. Há um mas que ainda não chegou.

— O processo seletivo vai considerar vários fatores. Tempo de casa, avaliação de desempenho, disponibilidade. — Uma pausa que não é dramática mas que contém drama. — Você tem quatro filhos, não é?

— Tenho — digo. Com a voz de quem confirma um fato climático. O céu é azul. Tenho quatro filhos.

— São pequenos ainda.

— São.

Doutora Conceição olha para a pasta aberta como se os papéis dentro dela tivessem a resposta para uma pergunta que ela não quer fazer diretamente. Os papéis não têm. Os papéis nunca têm.

— A coordenação exige uma disponibilidade que às vezes vai além do horário — ela diz, eventualmente. — Não estou dizendo que é um impedimento. Estou dizendo que é um fator.

Um fator. A palavra com que se embala o que não se diz. A palavra com que a discriminação se veste de razoabilidade, que é a roupa mais difícil de tirar porque é a mais bem costurada. Quatro filhos são um fator. O marido que também trabalha é um fator. A casa que precisa de alguém que pense nela é um fator. E por baixo de todos os fatores está a pergunta que Doutora Conceição não fará porque não precisa fazer porque eu já a ouvi nas entrelinhas com a clareza de quem treinou anos para ler nas entrelinhas: você consegue ser isso aqui e aquilo em casa ao mesmo tempo?

A resposta é sim. A resposta é que sou isso aqui e aquilo em casa ao mesmo tempo há seis anos, e que o custo desse ao mesmo tempo é o pão embrulhado no guardanapo de pano e a maçã e os mistérios dolorosos que rezo mentalmente enquanto o ônibus arranca, e que esse custo não aparece em nenhum fator porque não há formulário para custo invisível, não há coluna na planilha de avaliação de desempenho para o que se paga em moeda que o sistema não reconhece.

Não digo nada disso. Digo:

— Entendo o que a senhora está dizendo. Vou considerar com cuidado se me candidato.

Doutora Conceição parece aliviada, que é a resposta errada da parte dela e que eu noto e arquivo. A pessoa que deveria ser chefe não fica aliviada quando um bom funcionário pondera uma candidatura — fica desapontada, fica preocupada com o processo, fica com aquela expressão de quem vai ter trabalho para convencer. O alívio de Doutora Conceição me diz o que ela pensa sobre minha candidatura com mais clareza do que qualquer fator que ela tenha mencionado.

Saio da sala com a postura ereta que tenho sempre, que é minha e que ninguém me deu e que ninguém vai tirar, e volto para a mesa e abro o processo que ainda está pela metade e trabalho até às dezoito horas com a concentração de quem não tem o luxo de desperdiçar a tarde em sentimentos que não rendem nada de imediato.

Às dezesseis horas, Rogério passa de novo.

Desta vez não tem pasta. Não tem encaminhamento. Tem apenas ele, na entrada da sala, com aquele olhar que eu estou aprendendo a reconhecer como se reconhece o tempo — não com certeza absoluta, mas com experiência suficiente para não ser pega de surpresa.

— Perpétua. Você vai sair no horário hoje?

A pergunta parece simples. É simples na superfície. Por baixo é um mapa — ele está perguntando se estarei no corredor às dezoito horas, que é a hora em que o corredor fica vazio, que é a hora em que as conversas que não deveriam acontecer acontecem porque não há testemunhas, não porque ele planejou com essa precisão mas porque esse tipo de coisa se encontra com essa topografia instintivamente, como a água que encontra a rachadura sem procurar.

— Não sei ainda — digo. — Depende do processo que estou terminando.

É verdade e não é. O processo terminará às dezoito, provavelmente. Mas usarei a incerteza como escudo, que é o único escudo disponível quando o que acontece ainda não tem nome suficientemente sólido para ser levado a uma chefia, ainda não cruzou a linha que transforma desconforto em denúncia, ainda existe naquele espaço ambíguo em que a mulher que reclama pode ser desacreditada com a mesma facilidade com que a mulher que não reclama é ignorada.

Rogério assente com um sorriso que não chega aos olhos, que é o sorriso dos homens que percebem que foram esquivados e escolhem não perceber oficialmente.

— Até amanhã então — ele diz.

— Até amanhã — digo.

Thereza olha para a tela do computador com uma atenção excessiva. Doutora Conceição não está na sala. Não há testemunha do que aconteceu, que é conveniente para ele e impossível para mim — porque o que aconteceu é simultaneamente óbvio para quem estava presente e invisível para quem não estava, e o mundo funciona na perspectiva de quem não estava.

Volto ao processo. A família sem a licença ainda espera.

Termino às dezoito e dez. O corredor já está quase vazio. Pego a bolsa — a bolsa marrom que uso há três anos e que Hilário disse uma vez que precisava ser trocada e que eu disse logo e que não foi logo, que não foi ainda, que talvez não seja por mais um tempo ainda porque a bolsa marrom segura o que precisa segurar e há gastos que são urgentes e há gastos que são necessários e há gastos que são apenas dignidade, e a dignidade fica para quando a urgência e a necessidade estiverem satisfeitas, que ainda não estão.

No corredor, Rogério não está. Fico sabendo disso apenas porque percebo a ausência, que é o sinal mais claro de que a presença se tornou uma variável que monitoro, e monitorar é um trabalho silencioso que não aparece em nenhuma descrição de cargo e que cansa de um modo que não tem nome no calendário de férias.

Saio. O ônibus vem em doze minutos. Espero na parada com as outras mulheres que esperam na parada, todas com a postura específica de quem foi longe e está voltando e vai ter que voltar a ir amanhã. Reconheço essa postura porque é a minha. Não conversamos. Não é necessário.

No ônibus, rezo. Não o terço completo — Hilário tem mais disciplina para o terço, ele chega aos mistérios dolorosos com uma regularidade que admiro e que não consigo imitar porque minha mente, no ônibus, funciona de outra forma — salta, conecta, antecipa, planeja o jantar enquanto pensa na licença que o ofício deveria liberar enquanto sente na superfície da pele o peso do olhar de Rogério enquanto calcula o valor das passagens da semana. Rezo em fragmentos. Deus aceita fragmentos — tenho certeza disso, é talvez a única certeza teológica que tenho que não veio de livro nem de sermão, mas de anos de prática do fragmento como forma possível de oração.

Desço do ônibus duas paradas antes da nossa — não por economia hoje, mas porque há um mercado pequeno no caminho e preciso de sal e do sabonete do segundo menor que acabou ontem, e o custo dessas duas coisas é exato e verificável e cabe no que tenho na carteira, que sei de memória, que sei sempre de memória porque o que se tem de memória não precisa ser verificado na frente de outras pessoas no caixa.

O mercado tem aquela luz de mercado pequeno — fluorescente também, como o da mesa de Hilário que ele descreve piscando, embora ele não me descreva mais

porque há coisas que paramos de descrever quando se tornam paisagem, e a paisagem não se descreve, se habita. Pego o sal. Pego o sabonete. Pego também, por um impulso que não examino e que custará o equivalente a uma passagem de ônibus que passarei a pé amanhã, um pequeno chocolate que coloco no fundo da bolsa marrom, não para mim — nunca para mim, ou raramente, ou talvez hoje sim, não sei ainda, decidirei em casa quando a porta fechar e o dia fechar e for possível ser apenas Perpétua por alguns minutos antes de ser tudo o mais que sou.

Pago. Guardo o troco com precisão. Saio.

A rua tem aquele cheiro de fim de tarde que é específico desta cidade e que aprendi a reconhecer como o cheiro de estar quase em casa, que é um cheiro que não existe mas que existe para mim, que é o tipo de coisa que só existe para as pessoas que precisam que exista.

Chego. A porta range — Hilário a lubrifificou duas vezes e vai lubrificar de novo, sei, da mesma forma que sei que o mofo da parede vai voltar depois da cal, que o sapato do mais velho vai precisar de uma sola nova que não é a cola de contato, que a máquina de lavar precisa de um técnico que custa o que não temos ainda mas que teremos, em algum cálculo futuro que ainda não fechou.

Entro na cozinha. Começo o jantar.

A menor me encontra na cozinha e fica no meu pé com aquele silêncio de criança de três anos que não precisa de linguagem para pedir presença, que é o pedido mais simples e mais impossível de atender completamente num dia como este, e que atendo do modo que posso — com ela no campo de visão, com uma palavra aqui e outra ali, com a mão que às vezes desce e toca a cabeça que tem aquele cheiro específico de criança pequena, cheiro que não tem nome mas que reconheço como reconheço o de estar quase em casa.

Hilário entra.

Olho para ele — só olho, um segundo.

Nesse segundo há doze anos. Há a promoção que ele não vai ter o nome confirmado mas que eu já sei que não vai ter, porque conheço aquela expressão, aquela forma de carregar o dia no ombro ligeiramente mais baixo do que de costume, aquele cuidado no rosto que é o cuidado dos homens que aprenderam a não mostrar o que precisam de proteção. Há também Rogério que não vou nomear esta noite. Há o chocolate no fundo da bolsa que talvez compartilhe com ele mais

tarde se o dia de ambos for do tipo que o chocolate resolve alguma coisa, que não resolve mas atenua, que não atenua mas simboliza, que é às vezes o suficiente.

— Oi — digo.

— Oi — ele diz.

Os filhos fazem o barulho que os filhos fazem. A cozinha cheira ao que há para o jantar. Fora, a cidade não sabe nosso nome.

Mais tarde, na sala com a meia luz, ele pergunta sobre o meu dia. Digo dia normal.

Não é verdade. Mas a verdade esta noite custaria mais do que temos, e há uma matemática também para a verdade, e eu a faço de memória, como tudo, e o resultado desta noite é silêncio.

Ele assente. Também cala. Entre nós a meia luz e o terço que ele termina depois que eu durmo, ou finjo dormir, que é a mesma coisa quando o corpo precisa do que a cabeça não concede.

O chocolate fica no fundo da bolsa marrom.

Amanhã decido.

CAPÍTULO III
O Que Se Move Por Baixo

——

I — Hilário

Na terça-feira de manhã havia uma barata morta no meio da cozinha.

Não uma barata pequena — não a barata doméstica e quase simpática que aparece no rodapé e que se pode ignorar com a boa vontade de quem prefere não catalogar tudo que divide o espaço consigo. Era uma barata grande, do tipo que os entomologistas chamariam de Periplaneta americana e que eu chamo de sinal, porque há coisas que acontecem demais para serem acidente e de menos para serem praga, e que existem exatamente no intervalo entre os dois onde nenhuma providência é claramente necessária e nenhuma omissão é claramente culpável.

Estava de barriga para cima, o que é a posição das coisas que desistiram. As patas dianteiras ainda tinham aquela contração residual que os insetos mortos têm, aquele espasmo póstumo que não é vida mas é memória do movimento, e que olhei por mais tempo do que deveria antes de pegar o papel e varrê-la para o lixo, porque era seis da manhã e já havia café para fazer e mochila para arrumar e o mais velho estava chamando do quarto com aquela voz de quem perdeu alguma coisa que estava exatamente onde deixou.

— Pai. Meu caderno de matemática.

— Onde você o deixou?

— Na mesa.

— Qual mesa?

Pausa. A pausa das crianças que percebem que a pergunta contém a resposta e que a resposta as incrimina.

— Na mesa da sala.

Fui à sala. O caderno estava debaixo do sofá, que é onde as coisas vão quando ninguém as coloca em lugar nenhum e a lei da gravidade das casas desordenadas as conduz ao único destino disponível — o baixo, o escuro, o lugar onde as coisas que ninguém viu se acumulam com a paciência das coisas que sabem que serão encontradas eventualmente, geralmente na manhã em que o tempo é menor.

Debaixo do sofá havia também: dois lápis sem borracha, uma meia da menor que procurávamos desde a semana passada, uma casca de laranja que devia ter uns quatro dias e que exalava aquele cheiro de fruta morta que é simultaneamente orgânico e indecoroso, e um parafuso que não sabia identificar a que pertencia, o que era a parte mais perturbadora — um parafuso solto significa que algo está com um parafuso a menos, e algo com um parafuso a menos está se segurando por outros meios que não são os seus meios próprios, que é uma situação que prefiro não estender em metáfora porque a metáfora seria precisa demais para ser confortável.

Peguei o caderno. Deixei o resto. Não por desleixo — preciso que isso fique claro, para mim antes de qualquer outro, porque há uma diferença entre a sujeira do descuido e a sujeira do esgotamento, e a nossa é do segundo tipo, embora de fora pareça a mesma coisa e ninguém se detenha a examinar a origem da poeira antes de julgá-la. Deixei o resto porque eram seis e cinco da manhã e o café ainda não estava pronto e Perpétua estava no banheiro com a menor que havia acordado com uma daquelas birras de criança de três anos que não têm causa identificável e que precisam ser contidas com uma paciência que às seis da manhã é um recurso que já está no limite antes do dia começar.

O café. A garrafinha térmica. A marmita que Perpétua montou na noite anterior com as sobras do jantar reorganizadas de um modo que as tornava irreconhecíveis como sobras, que é um talento específico que ela tem e que nunca elogiei adequadamente, o que é o tipo de omissão que só se percebe quando se está com a marmita na mão às seis e quinze da manhã e não há tempo para elogios retroativos.

A torneira da pia pingava.

Pingava há onze dias. Tinha trocado o vedante na semana anterior com um vedante comprado no mercadinho da esquina que custou dois reais e que resolveu o problema por quarenta e oito horas antes de o problema decidir que o vedante era uma sugestão e não uma determinação. A torneira pingava com aquele ritmo que não é rápido o suficiente para ser urgente e não é lento o suficiente para ser ignorado — é o ritmo do gotejo calculado para ocupar a atenção periférica indefinidamente, para estar sempre presente sem jamais ser a prioridade, que é também, percebo, o ritmo de vários outros problemas desta casa e desta vida.

Pim.

Pim.

Pim.

Saí antes de enlouquecer, que é às vezes a única saída disponível e que aceito sem dramatizar, porque dramatizar o inevitável é um luxo de quem tem tempo para o drama.

A manhã no trabalho teve a textura específica das manhãs em que tudo funciona e nada avança, que é a textura mais desgastante que existe — pior do que a crise, que ao menos tem adrenalina, pior do que a calma, que ao menos tem descanso. O funcionamento sem avanço é o estado em que a máquina consome combustível para ficar parada, e eu sou tanto a máquina quanto o combustível, e o tanque não é cheio desde quando já não me lembro.

Osvaldo chegou às oito e doze com um sorriso que desta vez tinha alguma coisa diferente — não o sorriso habitual de quem está despreocupado artificialmente, mas o sorriso específico de quem sabe alguma coisa e está saboreando o saber antes de usá-lo, que é o sorriso mais revelador que existe e que as pessoas que o têm nunca percebem ter.

Sentou. Abriu o computador. Bip.

Ficou até as nove sem dizer nada, o que era a confirmação de que tinha algo a dizer — o silêncio de Osvaldo é inversamente proporcional à informação que carrega. Quando não tem nada, fala. Quando tem, espera. É uma lei tão constante que poderia ser publicada.

Às nove e cinco, Geraldo entrou na sala com aquela caminhada de mensageiro e foi direto à mesa de Osvaldo, o que era irregular — Geraldo circula, não escolhe destinos. Circular é sua função. Escolher destino significa recado direcionado, e recado direcionado entre Geraldo e Osvaldo naquela manhã específica tinha um único assunto possível.

Fingi ler o processo número três. Li o processo número três. São coisas que se fazem simultaneamente quando necessário.

A conversa entre eles foi baixa e breve. Geraldo foi embora. Osvaldo ficou com aquele sorriso agora menos contido, o sorriso de quem foi confirmado, e abriu uma gaveta e fechou sem tirar nada, que é o gesto de quem precisa fazer alguma coisa com as mãos enquanto a cabeça processa uma satisfação que o corpo quer expressar mas o ambiente não permite.

Às dez horas, Doutor Ércio chamou Osvaldo.

Osvaldo foi com a pasta debaixo do braço — uma pasta que não carregava normalmente, que devia ter pego especificamente para esta reunião, o que significava que a reunião não era surpresa, o que significava que Osvaldo sabia da reunião antes de entrar, o que significava que a reunião tinha sido marcada antes de hoje, o que fechava um círculo de informação do qual eu estava excluído com uma completude que teria algo de admirável se não fosse a minha exclusão que estava sendo administrada com essa eficiência.

Fiquei olhando para o processo número três.

A divergência de quatro vírgula três por cento já tinha explicação documentada. Escrevi o relatório. Enviei. O sistema confirmou o recebimento com aquele bip democrático que não distingue o que importa do que não importa, que registra a nota fiscal contestada e o relatório preciso e a injustiça silenciosa com o mesmo aceno eletrônico, o mesmo carimbo de hora e data, a mesma indiferença perfeita que é a única justiça que o sistema oferece e que não é justiça nenhuma mas é pelo menos consistente.

Osvaldo saiu da sala de Doutor Ércio às onze horas.

Não olhou para mim.

Quando um homem que normalmente olha para você para verificar o efeito do que aconteceu não olha, é porque o efeito que quer verificar é a ausência de efeito, e a ausência de efeito só se verifica de soslaio. Senti o olhar de soslaio sem devolvê-lo. Continuei no processo número quatro. O fluorescente piscou três vezes seguidas, o que era mais do que o habitual, uma irregularidade na irregularidade, como se até a lâmpada estivesse nervosa.

Ao meio-dia, comi a marmita sozinho na sala vazia.

Pensei na barata de barriga para cima.

Pensei no parafuso solto.

Pensei na torneira.

Pim.

II — Perpétua

Na terça-feira havia uma mancha de umidade no teto do banheiro que não estava lá na segunda-feira.

Ou estava e eu não havia visto, o que é possível porque há coisas nesta casa que existem há algum tempo antes de serem vistas, que aguardam pacientemente o momento em que o olho está no ângulo certo e a luz está na incidência certa e o cansaço ainda não fechou a atenção completamente. A mancha era do formato impreciso das manchas de umidade — nem redonda nem irregular, aquela forma intermediária que não é nenhuma forma e que o olho involuntariamente tenta organizar em algo reconhecível, como se a mente precisasse de um nome para o que ameaça.

Olhei para ela enquanto escovava os dentes. Ela olhou de volta com a impassibilidade das coisas que não têm pressa porque o tempo trabalha para elas.

O apartamento que alugamos tem três quartos que são dois quartos e uma divisória improvisada pelo proprietário anterior com drywall que transmite som com a generosidade de quem não tem segredos — ouço os filhos virarem na cama, ouço a torneira que Hilário tentou consertar e que Hilário vai tentar consertar de novo, ouço a chuva quando chove com aquela amplificação de telhado velho que transforma garoa em tempestade e tempestade em apocalipse. O proprietário atual se chama Seu Waldomiro e tem setenta e dois anos e mora no apartamento acima e desce às quintas-feiras para verificar se tudo está em ordem, que é uma expressão que usa com uma regularidade que sugere que em ordem é seu critério único de avaliação do universo.

Seu Waldomiro não desce para consertar. Desce para verificar. A distinção é importante e é inteiramente a seu favor.

Na última quinta-feira disse a ele sobre a torneira. Ele disse vou mandar alguém. Na quinta anterior havia dito sobre o rodapé da cozinha que estava levantado. Ele disse vou mandar alguém. O alguém de Seu Waldomiro é uma figura mitológica — presente em todas as promessas, ausente em todas as realidades, um ser de potencial infinito e execução zero, como certas divindades dos panteões menores que existem para ser invocadas e nunca para atender.

Escovei os dentes. A mancha no teto não se moveu, que é o tipo de comportamento exemplar que só as ameaças inanimadas têm.

A menor tinha dormido mal — aquela birra das três da manhã que eu contive no escuro com uma paciência que não era minha mas que convoquei de algum lugar anterior a mim, algum depósito de paciência ancestral que as mães acessam em

estados de emergência noturna sem saber muito bem como. Acordou de mau humor, que é o estado das crianças que dormiram mal e que não têm ainda linguagem suficiente para descrever o mal-estar e então o expressam com o corpo inteiro, com a recusa de tudo, com o choro que não tem objeto e que por não ter objeto não pode ser resolvido, apenas atravessado.

Atravessei.

O café ficou forte demais — a atenção estava na menor e a mão no café e quando a atenção voltou ao café ele já havia passado do ponto, que é um ponto que reconheço pelo cheiro e que desta vez reconheci tarde. Hilário bebeu sem comentar, que é uma das suas formas de generosidade que aprendi a receber como se recebe um presente que não tem embrulho — diretamente, sem cerimônia, com a gratidão simples das coisas que não precisam de ritual para ser reais.

Ele saiu.

Eu arrumei as mochilas. Arrumei o segundo menor que havia derrubado o copo do leite na camisa limpa — camisa que era a única camisa limpa disponível porque a máquina de lavar está no ciclo de centrifugação com defeito e as roupas que lavo à mão secam com aquela umidade residual de quem foi lavado mas não foi centrifugado, aquela umidade que não é sujeira mas que o nariz percebe como algo que não está completamente resolvido. Troquei a camisa por uma que estava na pilha das que precisam de atenção mas que esteticamente ainda passavam, com a avaliação rápida de quem desenvolveu ao longo dos anos um sistema de triagem de roupas que não consta em nenhum manual mas que funciona com uma precisão que qualquer engenheiro respeitaria.

Levei os dois mais velhos à escola. Dezessete minutos a pé. O mais velho foi na frente com aquela caminhada de doze anos que já quer ser quinze, o segundo do lado, com o passo ainda de nove que tropeça nas próprias ideias. Falaram de coisas da escola que ouvi com a atenção que podia dar, que não era toda mas era genuína — há uma diferença entre não ouvir e ouvir com parte de si, e eu os ouvia com a parte que não estava calculando o dia, que era uma parte menor do que eu gostaria mas era real e era minha.

Na esquina da escola, o mais velho parou e disse:

— Mãe. Tem uma excursão semana que vem. Precisa de autorização e de cinquenta reais.

Cinquenta reais.

Disse tá bom com a voz de quem diz tá bom e quer dizer deixa eu pensar, que é a voz que uso para as despesas que precisam de um cálculo que ainda não fiz e que farei no ônibus, mentalmente, com as variáveis que tenho memorizadas e o resultado que sempre é menor do que o necessário e maior do que o zero, o que é o intervalo em que toda a nossa vida financeira existe há anos — entre o zero e o suficiente, num território sem nome que habitamos com uma competência que ninguém nos ensinou e que ninguém nos reconhece.

Cinquenta reais.

Entrei no ônibus.

Na repartição, o dia começou com o ofício que circulava há três meses e que naquela manhã havia adquirido um quarto despacho de encaminha-se para apreciação, desta vez com uma caligrafia diferente das três anteriores, o que significava que uma quarta pessoa havia tocado no ofício sem apreciá-lo, passando-o adiante com a consciência tranquila de quem cumpriu o rito sem comprometer-se com o resultado, que é a forma mais eficiente e mais covarde de lidar com responsabilidade e que eu contemplo às vezes com uma admiração involuntária, a admiração que se tem pela perfeição de qualquer sistema, mesmo os perversos.

Thereza estava com dor de cabeça. Disse isso duas vezes, com um espaçamento de quarenta minutos que sugeria que a dor de cabeça havia piorado no intervalo ou que Thereza precisava que alguém confirmasse sua existência em intervalos regulares, o que é uma necessidade humana legítima que eu atendo com prazer em dias em que tenho prazer disponível para distribuir e que atendo com competência nos outros dias, que são a maioria.

— Você tem analgésico? — ela perguntou na segunda vez.

Tinha. Sempre tenho — não por previdência médica, que seria cara, mas por experiência acumulada de dores de cabeça próprias que aprendi a interceptar antes que se tornem o tipo de dor que impede o funcionamento, porque o funcionamento não pode ser impedido, porque se o funcionamento for impedido há um conjunto de consequências em cascata que prefiro não enumerar porque enumerá-las seria o início de uma ansiedade que não tenho tempo de ter agora, às dez da manhã de uma terça-feira com um ofício circulante e Thereza com dor de cabeça.

Dei o analgésico. Thereza agradeceu com aquele olhar de quem vai retribuir de algum modo que ainda não definiu. Voltei ao ofício.

Às dez e meia, Rogério.

Desta vez com uma pasta e com um colega — Edmilson, do setor de contratos, um homem de uns quarenta anos que eu conhecia de vista e de cumprimento e que naquela manhã servia como cobertura, como testemunha que tornava a visita oficial e que ao mesmo tempo tornava impossível qualquer reação ao que não era oficial, porque o que não era oficial estava acontecendo exatamente debaixo da testemunha, que é onde as coisas que não deveriam acontecer encontram sua proteção mais eficaz — no visível, no público, no como você poderia reclamar se havia gente presente.

— Perpétua — disse Rogério, com a voz que reserva para quando tem audiência, que é ligeiramente mais formal mas tem exatamente o mesmo olhar que tem quando não há audiência, o olhar que meu corpo já catalogou e arquivou na pasta das coisas que precisam de atenção mas ainda não de ação. — Tem um processo de coordenação que precisa de uma análise sua. Você teria como olhar esta semana?

Olhei para a pasta. Era um processo real. Edmilson estava ao lado com a expressão entediada de quem não sabe por que veio mas veio.

— Pode deixar — disse. — Olho até quinta.

— Ótimo — disse Rogério. E então, com a naturalidade calculada de quem praticou o movimento, acrescentou: — Você vai ao encontro do setor na sexta? Vai ter um jantar depois.

Edmilson olhou para o teto. Thereza olhou para a tela.

Jantar. A palavra com que se embrulha o que não se pode oferecer diretamente. Um jantar do setor é um contexto social com álcool e ausência de hierarquia formal e a cumplicidade implícita de quem compartilha mesa fora do ambiente de trabalho, que é exatamente o contexto em que as coisas que não têm nome no expediente encontram condições favoráveis para serem nomeadas de outros modos.

— Vou ver se consigo — disse. — Tenho quatro filhos pequenos, você sabe como é.

Usei os quatro filhos pela primeira vez como escudo. Não com culpa — os escudos existem para ser usados, e os quatro filhos são a coisa mais real que tenho,

e usá-los para me proteger de algo que ameaça nossa família não é instrumentalização, é coerência.

Rogério sorriu. O sorriso do homem que reconhece o escudo e faz uma anotação mental para a próxima vez.

— Claro — disse. — Mas tente aparecer pelo menos na parte do encontro.

Foram embora. Edmilson provavelmente não entendeu o que havia testemunhado, o que é a condição necessária para que testemunhe novamente.

Thereza, quando eles saíram, girou a cadeira dois graus na minha direção — dois graus apenas, o suficiente para sinalizar sem declarar — e disse:

— Esse homem me cansa.

Foi a primeira vez que alguém nomeou em voz alta o que circulava no ar da sala havia semanas. Não nomeou com precisão — cansa é uma palavra pequena para o que Rogério faz, mas é a palavra disponível num ambiente em que as palavras maiores têm consequências que ninguém quer assumir antes de ter certeza absoluta, e a certeza absoluta é o que o sistema foi construído para nunca fornecer.

— É — disse apenas.

Thereza girou a cadeira de volta. Voltamos ao trabalho.

Às catorze horas, Doutora Conceição convocou uma reunião de setor. Reuniões de setor acontecem na sala de reuniões do terceiro andar, que tem uma mesa comprida com cadeiras que foram compradas em épocas diferentes e que por isso têm alturas ligeiramente diferentes, o que significa que as pessoas sentadas ao redor da mesa estão todas em alturas levemente distintas, numa irregularidade que ninguém menciona e que cria uma perturbação visual sutil mas constante, como uma melodia com uma nota levemente desafinada que não é errada o suficiente para ser corrigida mas é suficiente para incomodar.

A reunião tinha pauta. A pauta tinha cinco itens. Os cinco itens foram discutidos com a seriedade que reuniões de setor exigem e com a produtividade que reuniões de setor raramente têm, porque reuniões de setor são o ambiente em que as opiniões que ninguém expressou individualmente se expressam coletivamente com uma coragem emprestada pelo grupo que se dissolve assim que o grupo se dissolve, deixando as mesmas opiniões de volta no estado de não-expressão em que estavam antes. No quarto item, que era sobre redistribuição de processos, Doutora Conceição disse meu nome associado a uma carga adicional que não havia sido

discutida comigo previamente, que é a forma como as cargas adicionais funcionam — elas não são discutidas, são anunciadas, num sistema que confunde consulta com comunicação e que prefere a segunda porque a primeira implica a possibilidade de recusa.

Disse que sim. Porque sim é a resposta que o sistema espera e que quando não é dada cria um atrito que custa mais do que a carga adicional. Calculei mentalmente o rearranjo do tempo que a carga adicional exigiria. O cálculo deu negativo, que é o resultado de todos os cálculos desta vida — sempre dá negativo, e sempre encontro de algum modo os recursos para cobrir o negativo, de um lugar que não sei nomear mas que existe porque tenho quatro filhos e um marido e uma casa e um trabalho e um Rogério e uma torneira que pinga e uma mancha no teto e cinquenta reais de excursão e um chocolate ainda no fundo da bolsa marrom.

Voltei à mesa. Abri o processo que Rogério havia deixado.

Era um processo legítimo, bem documentado, com uma questão técnica real que requeria análise real. Trabalhei nele por uma hora com a concentração que tenho para as coisas que merecem concentração, que é a maioria das coisas de trabalho porque o trabalho pelo menos tem o mérito de ser concreto, de ter um problema com uma solução que existe mesmo quando é difícil de encontrar, diferente dos outros problemas desta vida que têm soluções que dependem de variáveis que não controlo e que por isso me recuso a chamar de problemas — chamo de condições, que é uma palavra mais honesta para o que não se resolve mas se habita.

Às dezoito horas saí.

O corredor estava vazio. Rogério não estava.

Desci as escadas em vez do elevador, por um hábito novo que desenvolvi nas últimas semanas sem ter consciência de que desenvolvia, o hábito de evitar os espaços fechados onde a topografia favorece o que prefiro que não aconteça. As escadas cheiram a concreto e a ausência de janelas. Desce-se mais rápido do que se sobe, o que é uma lei física e também uma observação moral que prefiro não desenvolver.

Na rua, o ônibus. No ônibus, o cálculo dos cinquenta reais. O cálculo deu que sim, com um rearranjo que implicava adiar o conserto da máquina de lavar por mais duas semanas, o que implicava mais duas semanas de roupa lavada à mão com

aquela umidade residual, o que era um custo invisível que não apareceria em nenhum balanço mas que eu sentia nos braços ao fim de cada lavagem com aquela dor específica de músculo que trabalhou além do que foi projetado para trabalhar.

Cinquenta reais. O mais velho vai à excursão.

Desci antes. O mercado. Não comprei nada além do que ia comprar. O chocolate continuava na bolsa.

Em casa, a torneira.

Pim.

Pim.

A menor me esperava na cozinha com a expressão de quem teve um dia difícil e não tem como descrevê-lo. Peguei-a no colo. Ela cheirava ao cheiro dela, que é o cheiro mais simples que existe e que nenhuma dificuldade desta vida consegue complicar, e fiquei um momento com esse cheiro antes de começar o jantar, apenas um momento, o suficiente para lembrar por que o cálculo tem que fechar.

Hilário entrou. Olhei para ele.

Soube de Osvaldo sem que ele dissesse. Soube da reunião com Doutor Ércio sem que ele mencionasse. Soube do nome que Doutor Ércio tem pela forma como Hilário ocupava o espaço da cozinha — um centímetro menor do que de costume, uma contenção que não é derrota mas que é o primeiro degrau antes da derrota, aquele degrau que os homens que não se permitem cair pisam e ficam, às vezes por anos, sem descer nem subir.

— Oi — eu disse.

— Oi — ele disse.

Mais tarde, na sala com a meia luz, perguntou sobre o meu dia. Disse dia normal, que não era verdade, e ele disse sobre a vaga do Maurício que ainda não era oficial, que também não era toda a verdade, e ficamos os dois com as nossas meias-verdades como se ficam com os cobertores no inverno — puxando para o próprio lado não por egoísmo mas por necessidade de calor, e sabendo que o outro também puxa, e que isso não é traição, é sobrevivência.

A torneira pingou a noite toda.

De madrugada, acordei com um barulho na cozinha. Fui ver. Era o segundo menor, que havia sonhado com algo que não soube descrever e que estava de pé no

meio da cozinha com aquela expressão de quem não sabe se está acordado. Levei-o de volta para a cama. Passei pela cozinha no retorno.

No canto perto do rodapé levantado, havia outra barata. Viva desta vez, e imóvel com aquela imobilidade que os insetos têm quando se sabem observados, aquela suspensão do movimento que é ao mesmo tempo disfarce e desafio — não me vi, não me vi, não me viste.

Vi.

Não fiz nada. Era de madrugada e havia uma criança acordada e um marido dormindo e uma torneira pingando e uma mancha no teto crescendo em milímetros que eu não media mas sentia e um processo para entregar na quinta e cinquenta reais realocados e Rogério e o jantar de sexta e a bolsa marrom com o chocolate que ninguém tinha comido ainda.

Voltei para a cama.

A barata ficou no canto.

Dormimos todos, cada um no seu lugar, cada um com o seu peso — eu, Hilário, os quatro, a barata, a torneira, a mancha, o parafuso sem dono, o chocolate esquecido, e aquela casa que não era desordem por falta de capricho mas por falta de tempo, que é uma distinção que ninguém faz de fora mas que por dentro é a diferença entre a dignidade e a vergonha, e nós tínhamos a primeira com uma teimosia que só Deus sabe de onde vinha, e talvez Deus soubesse mesmo, e talvez fosse isso, e talvez bastasse.

Talvez.

III — Hilário

Na quinta-feira, a navalha cortou.

Não o rosto — não com sangue, não com drama. Cortou o lábio superior, num movimento mínimo de mão cansada que desviou dois milímetros do percurso habitual, dois milímetros que são a distância entre o cotidiano e o acidente, entre o automático e o erro. Um corte pequeno, do tipo que dói de modo desproporcional ao seu tamanho, como costumam fazer as coisas pequenas nesta vida — a conta que falta cinco reais para fechar, a palavra dita no tom errado sem intenção, a mancha que não sai na terceira lavagem.

Fiquei olhando para o sangue no espelho por mais tempo do que o necessário.

Havia algo quase cômico na imagem — o homem de boa aparência, o homem que entra e não é visto, o homem cujo rosto é a fachada que esconde o abismo, sangrando do lábio numa manhã de quinta-feira por excesso de cansaço disfarçado de rotina. Pensei em Cristo com a coroa de espinhos e me envergonhei imediatamente da comparação, que era desproporcional e pretensiosa, e então me envergonhei da vergonha, que era escrúpulo excessivo, e no final fiquei apenas com o sangue e o espelho e a navalha e a quinta-feira.

Pressionei um pedaço de papel higiênico contra o lábio. O papel higiênico que temos é do tipo mais barato — não por indiferença à qualidade, que é uma distinção que as pessoas com dinheiro têm o luxo de fazer, mas por uma hierarquia de necessidades em que o papel higiênico ocupa uma posição honrosa mas não prioritária, abaixo do feijão, abaixo do sabonete das crianças, acima de várias outras coisas que ficaram para depois e que depois não chegou ainda.

O papel amoleceu com o sangue. Troquei por outro. O sangue parou.

Fui fazer o café.

Na cozinha, a torneira.

Pim.

Olhei para ela com o olhar de quem está decidindo alguma coisa. Não estava decidindo nada — estava apenas olhando, que às vezes é confundido com decisão porque tem a mesma expressão, mas que é uma coisa completamente diferente, é o estado anterior à decisão, o estado em que o problema é contemplado sem que haja ainda os recursos para resolvê-lo e em que contemplar é a única ação disponível que não piora a situação.

Abri o armário debaixo da pia para pegar o pano de chão.

No armário debaixo da pia havia um escorpião.

Pequeno. Imóvel. Com aquela imobilidade que os escorpiões têm que é diferente da imobilidade das baratas — mais tensa, mais consciente de si mesma, a imobilidade de quem está pronto e aguarda. A cauda levemente curvada, o ferrão numa posição que não era ameaça direta mas era lembrete — existo, tenho consequência, não me subestime.

Fechei o armário com cuidado.

Fiquei de pé na cozinha por alguns segundos com o pano de chão que havia pego antes de ver o escorpião, pano que segurava com uma mão enquanto a outra

estava no lábio que havia parado de sangrar mas que latejava com aquela insistência discreta dos ferimentos pequenos.

Há momentos em que a acumulação de coisas pequenas atinge uma massa crítica que não é mais pequena. Um escorpião debaixo da pia numa manhã de quinta-feira com o lábio cortado e a torneira pingando e a navalha velha e a marmita e os processos e o nome de Fábio Augusto e o tio que joga golfe e o fluorescente que pisca e o parafuso sem dono e a máquina de centrifugação com defeito e os cinquenta reais da excursão e os quatro filhos e Perpétua que disse dia normal e não era normal — há momentos em que essa acumulação para diante de você como para um escorpião debaixo da pia, imóvel e pronto, e você fica de pé na cozinha com o pano de chão na mão e entende que o inimigo nunca foi um só e nunca foi grande.

O inimigo é esta miudeza infinita e constante.

Esta gota.

Esta ferrugem.

Este pim.

Chamei Perpétua em voz baixa para não acordar os filhos. Ela veio com o cabelo ainda desfeito da noite e olhou para o armário fechado com a expressão de quem pergunta sem perguntar. Abri o armário dois centímetros. Ela viu.

Fechou. Me olhou.

— Mata — ela disse.

— Com o quê?

Olhamos os dois para a cozinha com o olhar de uma perícia emergencial. Havia: o pano de chão, uma vassoura pequena de cerdas já capengas, um frasco de desinfetante quase vazio, uma garrafa de água vazia que estava aguardando o dia em que alguém a levasse ao descarte, e um sapato velho meu que estava na entrada da cozinha desde que a sola havia cedido definitivamente na semana anterior e que eu não havia jogado fora ainda por um hábito de postergar os descartes que é meu e que reconheço como fraqueza e mantenho assim mesmo.

Peguei o sapato.

Abri o armário.

O escorpião estava no mesmo lugar, na mesma posição, com o mesmo ferrão em alerta. Olhou para mim — ou não olhou, porque escorpiões não olham, mas havia uma consciência mútua naquele momento que desafio qualquer entomologista a

negar. Dois seres num armário debaixo da pia às seis e vinte da manhã de uma quinta-feira, cada um com os seus instrumentos, cada um com a sua imobilidade tensa.

Bati.

O escorpião não morreu de primeira, que é o tipo de resistência que eu respeitaria em outras circunstâncias. Bati de novo. Desta vez sim.

Perpétua estava atrás de mim com os braços cruzados e aquela expressão que ela tem quando uma situação terminou mas ainda está sendo processada, a expressão de quem chegou ao resultado antes de chegar à conclusão. Peguei papel — o papel higiênico barato que havia amolecido com o meu sangue minutos antes — embrulhei o escorpião e joguei no lixo.

Fechei o armário.

A torneira pingou.

Nos olhamos. Havia algo naquele momento — não tristeza, não exatamente, mas uma consciência compartilhada da acumulação, a percepção simultânea de que éramos dois seres humanos de capacidade e inteligência e dignidade genuínas vivendo numa guerra de atrito contra uma quantidade de pequenas coisas que individualmente seriam insignificantes e que coletivamente constituíam uma campanha de desgaste de uma eficiência que nenhum inimigo pessoal teria conseguido planejar.

— Bom dia — disse Perpétua, eventualmente.

— Bom dia — disse eu.

Foi a coisa mais engraçada que aconteceu naquela semana. Rimos os dois por um segundo — não o riso fácil das coisas engraçadas, mas o riso difícil das coisas que são absurdas demais para ser tratadas de outro modo, o riso que é a última forma de inteligência disponível quando todas as outras formas já foram usadas.

Depois disso, o café. A marmita. As mochilas. A menor que acordou com humor razoável, o que era uma misericórdia concreta pela qual dei graças mentalmente com a brevidade de quem tem pouco tempo para a gratidão mas a sente com intensidade inversamente proporcional à brevidade.

Saí com o lábio que latejava discretamente e a informação do escorpião guardada numa pasta mental junto com o rodapé levantado e a torneira e a mancha no teto e o parafuso sem dono, pasta que abrirei num dia em que houver os recursos

para abri-la, dia que ainda não tem data confirmada no calendário mas que existe no plano, que é onde existem as coisas que precisamos que existam antes que possam existir de fato.

No caminho para o trabalho, quinto mistério doloroso.

A morte.

Consummatum est.

Amém, disse mentalmente, e entrei na empresa às sete e quarenta e cinco.

IV — Perpétua

Na sexta-feira, Rogério mandou uma mensagem.

No aplicativo de comunicação interna da repartição, que existe para fins institucionais e que por isso tem exatamente a aparência de finalidade institucional que protege quem usa para outros fins — a mensagem chega com o mesmo ícone, o mesmo formato, a mesma seriedade visual de um despacho de processo, e somente o conteúdo diferencia, e o conteúdo pertence apenas a quem envia e a quem recebe.

Perpétua, sobre o jantar de hoje — reservei uma mesa. Ficaria feliz se você pudesse ir. Seria uma boa oportunidade para conversar sobre o processo que te passei, num ambiente mais tranquilo.

Li a mensagem às nove da manhã. Li de novo às nove e dois. Não porque não havia entendido — havia entendido com uma clareza que não deixava margem para interpretação alternativa, e a clareza de certas coisas é o que as torna mais difíceis de enfrentar, porque a clareza elimina a possibilidade de fingir que não se entendeu.

Num ambiente mais tranquilo. A frase com que se embrulha o que não se pode dizer diretamente. A frase que diante de qualquer comissão de ética poderia ser lida como convite profissional e que no corpo da mulher que a recebe é lida de outro modo, com uma decodificação que não precisa de esforço porque o corpo faz esse trabalho automaticamente, com anos de calibração.

Thereza me olhou. Não havia lido a mensagem — não podia ter lido. Mas havia visto minha expressão ao ler, e a expressão havia sido suficiente.

Não respondi imediatamente. Trabalhei. Às onze, respondi:

Rogério, obrigada pelo convite. Não vou conseguir ir hoje — tenho compromisso com a família. Posso olhar o processo aqui mesmo na semana que vem, se precisar.

Enviei. Fechei o aplicativo. Abri o processo do ofício circulante que havia recebido seu quinto despacho de encaminha-se para apreciação naquela manhã, agora com a caligrafia de uma quinta pessoa que eu não reconhecia, o que significava que o ofício havia migrado para um setor diferente sem que ninguém me informasse, e que a família sem a licença continuava aguardando com a paciência que não tinham escolha senão ter.

Às onze e quarenta, Rogério passou pela sala.

Não parou. Não olhou. Esse não-olhar era diferente do não-olhar de Osvaldo que Hilário me descrevera — não era o não-olhar do homem que verifica de soslaio o efeito da sua promoção. Era o não-olhar do homem que foi recusado e está processando a recusa, e cuja forma de processar é a supressão temporária da existência de quem recusou, a anulação prática que precede a próxima tentativa ou a decisão de outra resposta, e eu não sabia ainda qual das duas seria e essa incerteza tinha o peso específico das incertezas que dependem da vontade de alguém que não é você.

Thereza esperou que ele saísse e disse:

— Ele vai ficar chateado.

— Eu sei — disse.

— Isso pode complicar.

— Eu sei — disse de novo.

Não havia mais o que dizer, porque Thereza havia nomeado exatamente o que eu sabia e que me recusava a usar como argumento para ceder, porque ceder ao argumento da complicação é o início de um caminho que conheço o destino sem precisar percorrê-lo, e o destino não é lugar que eu vá.

À tarde, trabalhei na carga adicional que Doutora Conceição havia anunciado na reunião. Era um trabalho de reclassificação de processos antigos, tedioso e necessário, do tipo que requer atenção sem recompensar a atenção com nenhuma satisfação além do simples fato de estar feito, que é uma recompensa que aprendi a valorizar porque é a mais constante que existe e a que menos depende de outros.

Às dezesseis horas, Doutora Conceição parou na minha mesa.

Estava com a pasta preta aberta, o que já sabia ser sinal de que havia visto papéis antes de vir, de que a conversa tinha preparação.

— Perpétua, o Rogério me falou que você não vai ao encontro de hoje.

O Rogério me falou. Em quatro palavras, a geometria do problema se redesenhou completamente. Rogério havia ido à Doutora Conceição — não para reclamar, provavelmente, não com palavras que pudessem ser usadas contra ele, mas para mencionar, que é a forma como se planta sem assinar o plantio. Havia mencionado minha ausência ao jantar de um modo que chegou até a Doutora Conceição como informação relevante, o que significava que Doutora Conceição o havia recebido como informação relevante, o que significava que havia entre eles uma corrente de comunicação sobre mim que eu não controlava e que estava sendo usada de um modo que ainda não tinha consequências formais mas que estava construindo as condições para que as tivesse.

— Não consigo hoje — disse. — Família.

Doutora Conceição assentiu com aquele aceno que não é concordância mas é registro — estou registrando o que você disse, que é diferente de estou aceitando o que você disse, distinção que ela nunca explicitaria mas que estava presente na forma como o aceno fechou sem aquecimento.

— Esses encontros são importantes para a integração do setor — ela disse.

Integração. A palavra com que se transforma a pressão social em dever profissional. A palavra que transforma o jantar de Rogério em obrigação institucional e a minha recusa em inadaptação, numa operação retórica que tem a elegância dos mecanismos bem lubrificados.

— Entendo — disse. — Vou tentar participar dos próximos.

Doutora Conceição foi embora com a pasta aberta e o assunto fechado, que era o resultado que ela havia buscado — não resolver, mas registrar, que é o mesmo resultado que os cinco despachos de encaminha-se para apreciação haviam produzido para a família sem a licença, e a semelhança não me escapou, e a fiz sentar em mim por um momento antes de a guardar onde guardo as coisas que precisam ser guardadas antes de poderem ser usadas.

Saí às dezoito horas.

Na escada, Rogério estava.

Não esperando — parado, com o telefone na mão, com aquela postura de quem está num lugar por acaso que não é acaso. Me viu. Guardou o telefone.

— Perpétua.

Parei no degrau. Havia dois degraus entre nós — eu dois acima, o que era uma vantagem de posição que aproveitei ficando parada em vez de descer.

— Rogério.

— Você vai bem?

— Bem — disse. — Descendo.

E desci. Passei por ele sem parar, com a postura ereta que é minha e que ninguém me deu e que ninguém vai tirar, com a bolsa marrom no ombro e o chocolate que ainda estava lá, que havia sobrevivido a uma semana inteira de bolsa sem ser comido, que era agora quase um princípio, uma recusa de consumar um pequeno prazer antes de que o peso fosse menor, que era uma lógica que Hilário diria ser masoquismo e que eu dizia ser ordem — primeiro o necessário, depois o resto, e o resto viria, viria um dia.

Senti o olhar de Rogério nas costas durante os quatro degraus que me separavam do andar de baixo.

Na rua, respirei.

O ônibus. O cálculo dos cinquenta reais confirmado. A excursão do mais velho garantida. A máquina de lavar adiada por duas semanas. Os braços que lavariam roupa à mão por mais catorze dias com aquela dor específica que não tem nome no calendário de ninguém.

Em casa, a torneira.

Pim.

Hilário estava na sala com o segundo menor adormecido no colo, o que era uma imagem que guardei com o cuidado com que se guarda o que não vai durar — não porque fosse frágil, mas porque era bonita, e as coisas bonitas desta vida têm a tendência de ser substituídas antes que se tenha terminado de olhar para elas.

Ele me olhou. Eu o olhei.

Desta vez o segundo no olhar foi mais longo. Havia mais informação do que de costume — não mais grave necessariamente, mas mais densa, como quando o silêncio entre duas notas musicais carrega a melodia inteira.

Não disse nada sobre Rogério.

Ele não disse nada sobre Fábio Augusto.

Jantamos. As crianças foram dormir. A meia luz. O terço dele.

Tirei o chocolate da bolsa.

Parti ao meio. Dei metade para ele sem explicação. Ele aceitou sem perguntar. Comemos em silêncio, os dois, o chocolate que havia sobrevivido uma semana inteira de bolsa e de quinta-feira com escorpião e de torneira e de Rogério e de Doutora Conceição e de Fábio Augusto e de parafuso sem dono.

Estava bom.

Estava muito bom.

E por aquilo, naquela noite específica, dei graças — não com eloquência, não com o vocabulário correto da oração formal, mas com aquela gratidão bruta e sem forma que é a gratidão das pessoas que aprenderam que Deus aceita fragmentos.

A torneira pingou.

Dormimos.

CAPÍTULO IV
Carne

——

I — Hilário

Anunciaram na segunda-feira.

Não com cerimônia — com cerimônia teria sido quase suportável, porque a cerimônia ao menos reconhece que algo aconteceu, que uma decisão foi tomada, que existe um antes e um depois. Anunciaram com um e-mail. Um e-mail coletivo, endereçado a todos da sala administrativa, com o assunto Comunicado — Reestruturação de Cargos, redigido em linguagem corporativa que tem a virtude específica de comunicar o máximo de informação com o mínimo de humanidade, que é a linguagem perfeita para as notícias que a instituição prefere que não sejam sentidas como o que são.

Informamos que, a partir do próximo mês, o cargo de Coordenador de Operações Administrativas será ocupado pelo colaborador Fábio Augusto Mendonça, em reconhecimento ao seu desempenho e dedicação à empresa.

Dedicação.

Li a palavra três vezes. Não por não a ter compreendido — a compreendi com uma completude que teria sido cômica em outras circunstâncias, a completude de quem lê uma palavra e enxerga através dela todas as outras palavras que ela substitui, todas as palavras que não foram escritas porque escrever a verdade em comunicado corporativo é um requinte que as instituições há muito abandonaram por eficiência. Dedicação onde se leria sobrinho. Desempenho onde se leria golfe. Reconhecimento onde se leria o que sempre esteve decidido antes de qualquer processo seletivo que nunca houve.

Fechei o e-mail.

Abri o processo número um do dia.

Osvaldo me olhou. Eu sabia que me olhava porque não o vi — senti, com aquela percepção periférica que se desenvolve nos ambientes em que se é observado com regularidade suficiente para que o olhar alheio se torne textura do ar. Osvaldo me olhava com aquela mistura específica de satisfação e desconforto que têm as pessoas

que queriam algo ruim para você e que quando o ruim chega descobrem que queriam a vitória mas não o peso de tê-la testemunhado de perto.

Geraldo passou pela sala às nove horas com a velocidade reduzida de quem espera ser convocado. Não o converti. Processei o processo número um com uma atenção que era quase violenta — cada linha, cada número, cada detalhe técnico recebendo de mim uma concentração desproporcional à sua importância, porque a concentração desproporcional era o único lugar onde eu existia naquele momento sem ser o homem que acabou de não ser promovido, sem ser o homem do e-mail, sem ser a ausência no cargo que deveria ter sido meu.

Fábio Augusto chegou às nove e vinte, vinte minutos após seu horário habitual, que era o primeiro exercício público da nova autoridade — o atraso como declaração, o relógio como território. Cumprimentou a sala com um aceno geral que não me distinguia dos outros, o que era uma gentileza ou uma estratégia ou ambas, e que recebi com o mesmo aceno de volta, porque o meu rosto é meu e ninguém naquela sala vai ver nele o que eu não quero que vejam.

Sentou. Bip.

Doutor Ércio passou às dez horas. Parou diante do mural. Disse:

— Hilário, o relatório do segundo trimestre.

— Pronto ontem — disse.

Assentiu. Foi embora. O fluorescente piscou.

Nada.

Não havia nada no rosto de Doutor Ércio que fosse culpa ou desconforto ou reconhecimento do que havia feito ou deixado de fazer. Havia apenas Doutor Ércio, com sua eficiência de cinquenta e cinco anos e sua solidão não reconhecida como solidão, perguntando sobre o relatório do segundo trimestre como perguntava toda semana, como perguntaria na semana seguinte, como perguntaria enquanto eu estivesse naquela mesa e o fluorescente piscasse e Fábio Augusto ocupasse o cargo que deveria ser meu e o tio jogasse golfe nas quartas-feiras.

Nada havia mudado.

Essa era a parte mais difícil — que nada havia mudado. Que o mundo antes do e-mail e o mundo depois do e-mail eram o mesmo mundo com a mesma mesa e o mesmo fluorescente e o mesmo café da garrafinha que esfriava e a mesma marmita na gaveta e os mesmos processos e o mesmo Osvaldo e o mesmo Geraldo e o mesmo

Doutor Ércio, e que eu era o mesmo eu, apenas com uma confirmação que não era nova informação mas era a transformação de uma suspeita em certeza, e as certezas pesam diferente das suspeitas mesmo quando dizem a mesma coisa, porque a suspeita ainda tem a leveza da dúvida e a certeza não tem nada além de si mesma.

Ao meio-dia, comi a marmita.

Não tive fome.

Comi assim mesmo, porque o corpo não pode ser punido pelo que a instituição fez, porque o corpo é meu e os processos são deles e a distinção precisa ser mantida com uma clareza que hoje custou mais do que custava ontem mas que existe, que persiste, que persistirá.

À tarde, processo número oito. Número nove. Número dez.

Às quinze horas, Geraldo veio.

Desta vez sem informação — veio sem pasta, sem pretexto, sem a velocidade reduzida do mensageiro que espera ser convocado. Veio com uma expressão que eu nunca havia visto em Geraldo, uma expressão que levei um momento para identificar e que identifiquei eventualmente como constrangimento, que é uma emoção que Geraldo não exercita com frequência por razões estruturais.

— Hilário — disse.

— Geraldo.

Ficou de pé ao lado da minha mesa. Havia na postura dele algo diferente da postura habitual — menos movimento, menos aquela energia de circulação que é a sua característica fundamental. Estava parado. Para Geraldo parado, havia algo acontecendo que não era informação mas era sentimento, e sentimento em Geraldo era território tão inexplorado que não sabia o que esperar.

— Essa história da promoção — ele disse, e parou.

Esperei.

— Não é justo — ele disse, eventualmente, com a voz de quem diz uma coisa verdadeira e não sabe o que fazer com ela depois de dita.

Olhei para ele. Era um homem de quarenta e tantos anos que passava os dias carregando informações de um lugar para outro e que naquele momento havia deixado a informação em casa e trouxe apenas a observação simples e honesta de que a coisa não era justa, que era verdade, que era uma verdade que custava pouco

dizer e que ele disse de qualquer modo, e isso tinha um valor que não era pequeno mesmo que não mudasse nada.

— Eu sei — disse.

Geraldo assentiu. Foi embora com a velocidade habitual — a pausa havia terminado, a normalidade de circulação havia retomado, o mensageiro voltou a ser mensageiro. Mas havia dito. E eu havia ouvido. E isso ficou na sala como fica o cheiro do café depois que o café acaba — invisível, presente, irredutível.

Saí às dezoito e trinta.

Caminhei.

Os mistérios gloriosos, porque era quarta-feira, e eu precisava de glória mesmo que fosse glória alheia, mesmo que fosse a glória de outro que ressuscitou num outro tempo numa outra língua numa outra miséria que não era a minha mas que era miséria, e isso bastava, isso era o suficiente para que a caminhada tivesse direção além do destino físico.

Cheguei em casa.

Perpétua estava na cozinha com aquela expressão que tem quando o dia foi além do que o dia deveria ir, expressão que conheço e que desta noite específica eu não tinha capacidade de perguntar sobre porque minha própria capacidade estava no limite que não tem nome no calendário mas que existe, que existe em mim nessa noite de segunda-feira como o escorpião no armário — imóvel, tenso, pronto.

— Como foi? — ela perguntou, sem olhar do fogão.

Não respondi de imediato. Fiquei na entrada da cozinha com o paletó ainda no braço e a garrafinha vazia na mão e o lábio que havia parado de latejar mas que eu sentia como se latejasse, memória de ferimento que o corpo mantém além da necessidade.

— Anunciaram o Fábio Augusto — disse.

Ela parou de mexer o que mexia. Não se virou. Ficou de costas para mim por um momento que foi longo e que nenhum dos dois tentou encurtar, porque há momentos que precisam do tamanho que têm.

Então se virou.

Não disse nada. Não havia nada para dizer que as palavras alcançassem sem diminuir, sem tornar em narrativa o que era ainda demasiado bruto para caber em linguagem. Me olhou com aqueles olhos que em doze anos aprenderam a conter o

que a boca não diz, olhos que naquela noite continham raiva e dor e uma ternura que era a coisa mais devastadora de todas porque era real e porque não resolvia nada e porque existia de qualquer modo.

Voltou-se para o fogão.

Jantamos em silêncio.

As crianças perceberam — as mais velhas especialmente, que têm a antena específica dos filhos de pais que nunca discutem, antena calibrada para registar não a briga mas a ausência dela, não o grito mas o silêncio de qualidade diferente do silêncio habitual. O mais velho ficou olhando para o prato com uma seriedade de quarenta anos num rosto de doze. O segundo comeu mais devagar do que comia sempre, o que era sua forma de estar presente sem saber por quê estava.

Os menores não perceberam. A menor riu de algo interno, particular, daqueles risos de três anos que não têm causa identificável e que existem porque a criança ainda não aprendeu que o riso precisa de justificativa. Ri com ela, de dentro, sem deixar aparecer. Mas ri.

Depois do jantar, as crianças. A cama. O ritual.

Perpétua e eu na sala.

A torneira.

Pim.

— Vou ligar para o Seu Waldomiro amanhã — ela disse, sobre a torneira.

— Ele vai dizer que manda alguém — disse eu.

— Eu sei.

— O alguém não vem.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio. O pim. A meia luz. A cidade lá fora que não sabia o nosso nome e que naquela noite eu não tinha energia para perdoar por não saber.

Rezei. Ela dormiu.

No quinto mistério, parei.

Não porque não quisesse continuar — porque a oração naquela noite era um esforço que meu interior estava fazendo com os recursos de um homem que passou oito horas processando a confirmação do que sempre soube e que precisava ainda encontrar em algum lugar a matéria-prima da fé, que não é sentimento porque o sentimento havia acabado, que não é consolação porque a consolação seria mentira,

que é outra coisa, uma coisa que não tem nome bonito, que é apenas a recusa de abandonar mesmo sem ter razão clara para não abandonar.

Não abandonei.

Terminei o terço às onze e quarenta da noite.

Dormi às meia-noite.

Amanhã eram quinze processos e Fábio Augusto no cargo que deveria ser meu e a torneira e o alguém do Seu Waldomiro que não viria e a navalha velha e o lábio que havia curado mas que eu ainda sentia.

II — Perpétua

Na terça-feira Rogério entrou na sala e fechou a porta.

Não havia fechado a porta antes. A porta da sala onde trabalho tem uma mola que a mantém entreaberta, que é o estado natural de uma porta de repartição pública — entreaberta, nem convidativa nem excludente, aquela abertura institucional que diz estamos aqui mas não viemos até você. Rogério entrou e empurrou a porta até o batente com um movimento que não era violento mas era definitivo, e o som do batente foi o som de uma geometria se alterando — o espaço que era semi-aberto tornou-se fechado, e o fechado tem uma física diferente do semi-aberto, uma física que o corpo reconhece antes que a cabeça processe.

Thereza não estava. Thereza havia saído três minutos antes para o arquivo do segundo andar, o que Rogério sabia ou não sabia, e a distinção importava e eu não tinha como determiná-la naquele momento.

Doutora Conceição não estava. Estava em reunião no quarto andar, que era informação de agenda pública, acessível a qualquer funcionário que quisesse consultá-la, o que incluía Rogério, o que significava que a consulta era possível, e a possibilidade é diferente da certeza mas é suficiente para suspeitar.

Havia apenas eu.

Sentei mais ereta — não por decisão consciente, mas porque o corpo faz isso, retifica a coluna quando o espaço muda de semi-aberto para fechado, quando a geometria altera a física e a física altera a postura, que é a primeira linha de defesa do corpo antes que qualquer outra defesa seja necessária.

Rogério ficou de pé. Não veio até a mesa — ficou a uns três metros, que era uma distância que em qualquer tribunal seria descrita como razoável e que no meu corpo era descrita de outro modo.

— Perpétua — ele disse. — Acho que a gente precisa conversar.

Conversar. A palavra com que se nomeia o que não é conversa. Conversa é troca — duas pessoas com movimento equivalente em direções equivalentes. O que Rogério chamava de conversa era outra coisa, era um monólogo com plateia cativa, era a estrutura da declaração disfarçada de diálogo.

— Pode falar — disse. Com a voz que teria para qualquer colega em qualquer assunto de trabalho — nem fria nem calorosa, a voz que existe antes que as circunstâncias exijam outra.

— Eu sinto que criei um mal-estar — ele disse. — Não era minha intenção.

Era. Eu sabia que era, ele sabia que era, e os dois sabíamos que o outro sabia, e mesmo assim a frase foi dita com uma convicção que eu teria de admitir ser tecnicamente perfeita — porque intenção é uma palavra que só o sujeito pode verificar, e o sujeito dizia que não, e diante de um tribunal isso seria argumento.

— Não há mal-estar — disse. — Somos colegas.

— Exatamente — ele disse, com uma velocidade que sugeria que havia preparado a resposta para esta resposta específica, que havia ensaiado esta conversa antes de tê-la, o que me disse tudo sobre a espontaneidade do que estava acontecendo. — Somos colegas. E justamente por isso quero que fique claro que minha admiração pelo seu trabalho é profissional.

Admira meu trabalho.

Olhei para ele. Para o rosto dele. Havia quarenta e oito anos naquele rosto, e experiência, e inteligência genuína — ele não era estúpido, o que tornava tudo mais elaborado e mais perverso, porque a estupidez ao menos tem a virtude da legibilidade. Havia também naquele rosto, naquele momento, uma coisa que levei um instante para nomear e que nomeei eventualmente como cálculo — a expressão do homem que está executando um plano que avaliou previamente, que está no passo dois de um processo que tem mais passos, que está fazendo o que está fazendo não por impulso mas por estratégia.

Admira meu trabalho.

E depois de ter dito que admira meu trabalho e de ter criado a versão profissional e inatacável de si mesmo, o passo três:

— Mas também me preocupo com você como pessoa. Parece que está sobrecarregada. Quatro filhos, o marido também trabalhando... — uma pausa calculada. — Se precisar de algum apoio, pode contar comigo.

Apoio.

A palavra com que se oferece o que não pode ser oferecido diretamente. A palavra que em qualquer gramática profissional significa uma coisa e naquela sala fechada naquele momento significava outra, e a diferença entre as duas significações era exatamente o espaço em que ele operava — o espaço entre o que pode ser dito e o que é entendido, o espaço que não tem nome jurídico mas tem peso físico.

O corpo absorve. Esse é o verbo. Não reage — absorve. Porque reagir seria nomear, e nomear criaria uma situação em que minha nomeação contra a negação dele produziria um empate que o sistema sempre resolve a favor de quem tem mais poder, e Rogério tinha mais poder, e eu tinha quatro filhos e um marido que não seria promovido e uma máquina de lavar com defeito e cinquenta reais realocados e uma torneira pingando.

— Obrigada — disse. Com a voz exata. — Mas estou bem.

Rogério sorriu. O sorriso do passo quatro, o sorriso de quem registrou a posição e vai recalibrar a abordagem para a próxima iteração, porque um homem que chegou até aqui por estratégia não abandona a estratégia numa primeira resistência — recalibra, tem paciência, age no tempo, que é o tempo que lhe pertence porque é o tempo da instituição e a instituição é dele de formas que não são minhas.

Saiu. Abriu a porta. A mola a trouxe de volta à posição entreaberta.

Fiquei sentada com a postura ereta.

A alma gritava.

O corpo absorvia.

Thereza voltou do arquivo dois minutos depois. Me olhou. Eu a olhei. Ela não perguntou o que havia acontecido porque o rosto dela disse que sabia aproximadamente o que havia acontecido, e o meu rosto disse que não ia falar agora, e esses dois rostos entenderam-se com a eficiência específica dos rostos que aprenderam a ler o que as bocas não dizem.

Trabalhei até às dezoito horas.

Não fui às escadas. Fui ao elevador — não por preguiça, mas porque meus joelhos não tinham hoje a consistência necessária para quatro lances de escada, e reconheço isso sem me envergonhar, porque o corpo tem seus dias e seus limites e honrar esses limites não é fraqueza, é a forma mais básica de respeito próprio disponível quando todas as outras formas estão sendo negociadas.

No elevador, sozinha. As portas fecharam.

Naqueles trinta segundos entre o terceiro andar e o térreo, sem testemunha, sem rosto a construir e manter, sem postura a preservar para além da física mínima — naqueles trinta segundos fiz uma coisa que não tinha feito em muito tempo.

Fechei os olhos.

Não chorei. Não orei. Não pensei.

Apenas fechei os olhos e deixei os trinta segundos serem trinta segundos sem que eu precisasse ser nada além de um corpo num elevador descendo de um lugar para outro.

As portas abriram.

Recompus. Saí.

Na rua, o ônibus.

Em casa, Hilário que havia ficado mudo desde o Fábio Augusto e que estava na sala com o segundo menor adormecido no colo como da outra vez, mas desta vez sem a imagem bonita de antes — desta vez havia no colo dele e no filho adormecido e na meia luz algo que era bonito e doloroso ao mesmo tempo, que era bonito por ser doloroso, que era a beleza específica das coisas que custam.

Olhei para ele.

Ele me olhou.

Desta vez não havia segundo. O olhar foi longo — tanto que o segundo menor se mexeu no colo sem acordar, tanto que a menor apareceu na entrada da sala com o ursinho de pelúcia e nos olhou com aquela atenção de três anos que não interpreta mas que sente, que não nomeia mas que registra com uma fidelidade que só descobriremos décadas depois quando ela descrever esta cena para alguém, se a descrever, se se lembrar, se houver alguém para quem descrever.

Não disse sobre Rogério.

Não podia dizer sobre Rogério porque dizer seria transformar em narrativa o que ainda era ferimento aberto, e os ferimentos abertos não se narram, se estancam,

e o estancamento esta noite tinha a forma do silêncio e a forma de Hilário com o filho no colo e a menor com o ursinho e a torneira.

Pim.

Jantamos.

Depois do jantar, depois das crianças, depois da meia luz, disse a ele:

— O Seu Waldomiro não manda ninguém.

— Eu sei — ele disse.

— A torneira vai afetar o encanamento se não for resolvida.

— Eu sei.

— Vou tentar resolver eu mesma no fim de semana.

Hilário me olhou. Não disse que eu não deveria, não disse que ele resolveria, não disse nada que fosse consolação fácil ou promessa que não poderia cumprir. Disse:

— Eu ajudo.

Dois palavras. O suficiente.

Rezamos — ele o terço, eu os fragmentos que consegui, que naquela noite foram menos do que fragmentos, foram apenas o nome. Apenas Jesus, repetido com a frequência de um batimento, com a irregularidade de um coração cansado mas funcionando, funcionando, funcionando.

Dormi.

Na madrugada acordei.

O quarto estava escuro. Hilário respirava ao lado com aquela respiração de sono profundo que é a respiração dos que esgotam o dia completamente, sem reserva, e que dormem por necessidade absoluta do organismo.

Fiquei olhando para o teto.

Havia ali, no escuro, uma clareza que o dia não permitia — não a clareza das soluções, não a clareza das respostas, mas a clareza das perguntas que ainda não tinham sido feitas com a honestidade total que a madrugada, diferente do dia, às vezes permite.

Quanto tempo mais.

Não como desespero. Como pergunta real, neutra, a pergunta de um engenheiro diante de uma estrutura que está sustentando mais do que foi projetada para sustentar — quanto tempo mais, antes que a geometria ceda, antes que o ponto

de ruptura seja alcançado, antes que o que segura deixe de segurar não por fraqueza mas por lei física, por simples e irredutível lei física.

Não havia resposta.

Fiquei com a pergunta no escuro até que a menor se mexeu no quarto ao lado e o movimento me trouxe de volta ao estado de mãe que é o estado em que durmo há três anos, sempre parcialmente acordada, sempre com uma antena ligada na frequência das crianças pequenas que é a frequência mais aguda que existe e que não tem botão de desligar.

A menor ficou quieta.

Fechei os olhos.

A torneira, lá na cozinha, continuava.

Pim.

Pim.

Pim.

III — Hilário

Numa quarta-feira de manhã, a sola do sapato se desprendeu completamente.

Não o sapato velho que havia usado para matar o escorpião — esse já estava descartado, já havia sido enterrado no lixo com a dignidade dos objetos que serviram além de sua capacidade e que merecem ao menos não ser comentados no momento do descarte. Era o outro par — o único outro par, o par que usava para o trabalho, o par que Perpétua havia dito que precisava ser trocado há seis meses e que eu havia dito logo e que ainda estava nos meus pés porque logo ainda não havia chegado e provavelmente não chegaria antes do fim do mês e talvez não antes do fim do mês seguinte dependendo de como fechasse o cálculo.

A sola se desprendeu na esquina a cem metros da empresa.

Não completamente — um lado ainda segurava, o que era o tipo de situação que não é catástrofe mas é impossível de ignorar, porque a meia-sola desprendida tem aquele ritmo de tapa-tapa no chão que anuncia sua condição a cada passo com uma eficiência que nenhuma publicidade alcançaria. Cada passo: tapa. Cada passo: tapa. O som do homem que está se desprendendo de baixo para cima, que começa pelos pés porque os pés são a fundação e quando a fundação cede a queda é apenas questão de tempo e de física.

Parei na esquina.

Cem metros da empresa.

Examinei o sapato com a expressão de um cirurgião diante de um caso que não tem bom prognóstico mas que precisa de intervenção imediata porque o paciente tem que funcionar hoje. Havia na bolsa interna do paletó — não por previdência, mas por aquele acúmulo aleatório de objetos que as pessoas que não têm ordem perfeita carregam consigo sem saber por quê — um clipe de metal grande. Não era o instrumento certo. Não havia instrumento certo disponível. Era o instrumento que havia.

Dobrei a sola contra o bico do sapato. Passei o clipe em volta, prendendo a sola ao couro com a geometria improvisada de quem não tem outra opção mas tem mãos e tem clipe e tem a recusa fundamental de entrar na empresa com o sapato tapa-tapando no corredor, com o som que anunciaria a todos que o homem de boa aparência tem a sola se desprendendo, que a fachada está cedendo pelas extremidades, que há algo por baixo do paletó passado e do rosto de boa aparência que não está tão intacto quanto parece.

O clipe segurou.

Provisoriamente. Sabia que era provisoriamente — o clipe não foi feito para isso, o couro não estava em condições de abraçar bem o clipe, a mecânica da caminhada produziria uma tensão que o clipe resistiria por um tempo que não sabia calcular mas que sabia ser finito. Mas segurou.

Entrei na empresa.

Caminhei devagar. Não por solenidade — por mecânica, por preservar o clipe, por não forçar a geometria improvisada além do que ela podia sustentar. Jandira disse bom dia, disse bom dia, segui. O corredor. A sala. A mesa. Sentei com o cuidado de quem pousa alguma coisa frágil.

O fluorescente piscou duas vezes.

Bom dia, disse o fluorescente, à sua maneira.

Abri os processos.

Era uma manhã de quarta e havia quinze processos e Fábio Augusto havia chegado antes de mim pela segunda vez desde a promoção — chegava antes para exercer a presença do cargo, para que o cargo fosse associado a uma chegada precoce que era nova em Fábio Augusto e que eu observava com a atenção de quem

reconhece o comportamento de alguém descobrindo o poder, o modo específico como o poder muda as pequenas escolhas antes de mudar as grandes.

Às dez horas, Fábio Augusto me chamou.

Não Doutor Ércio. Fábio Augusto. Que tinha trinta e dois anos e um tio e que agora tinha também um cargo com uma sala, não a sala de Doutor Ércio mas uma sala lateral que havia sido reorganizada para acomodar o novo coordenador com a velocidade que as reorganizações têm quando a decisão já estava tomada antes do anúncio.

Entrei com o processo que ele havia solicitado por e-mail na manhã. Sentei à sua frente. A sala tinha uma mesa nova — não nova de compra, nova de realocação, trazida de algum depósito com a presteza com que os ambientes se ajustam aos que sobem e se desajustam aos que ficam.

Fábio Augusto examinou o processo com uma atenção que era genuína — isso precisava ser dito com a honestidade que o caso exigia, a honestidade que me custava mais do que qualquer outra coisa naquela sala naquele momento. Ele não era incompetente. Era competente de uma forma diferente da minha, uma competência que havia chegado até ali por uma combinação de habilidade real e de outros fatores que não eram habilidade, e que uma vez chegando ali exercia a habilidade que tinha com uma seriedade que eu respeitava e que tornava tudo mais difícil, porque teria sido muito mais simples se ele fosse simplesmente mau.

— Hilário — ele disse, sem levantar os olhos do processo. — Você vê algum problema nessa abordagem?

Via. Via um problema técnico na abordagem, um problema de sequência procedimental que tornaria o processo mais lento sem torná-lo mais correto, um problema que ele não havia visto porque a experiência específica daquele tipo de processo era minha e não dele, era minha há três anos de processos que nunca foram reconhecidos com o cargo que deveriam ter recebido.

Descrevi o problema. Com precisão. Sem suavizar, sem exagerar, sem o verniz de condescendência que seria a vingança pequena e indigna que recusei.

Fábio Augusto ouviu. Assentiu. Disse:

— Faz sentido. Pode ajustar?

— Posso — disse.

Saí da sala com o processo e com o clipe no sapato que havia sobrevivido à manhã e que continuava segurando com uma teimosia que eu teria chamado de exemplar em outras circunstâncias.

Na minha mesa, ajustei o processo.

O ajuste levou quarenta minutos. Era um trabalho que eu havia feito centenas de vezes, que saía das mãos com a naturalidade das coisas incorporadas, que não exigia esforço consciente mas apenas a atenção que é o meu estado habitual de trabalho, a atenção que ninguém pagava com o cargo que merecia e que Fábio Augusto agora coordenava e que eu executava e que o sistema registrava com o mesmo bip democrático de sempre.

Ao meio-dia, a marmita.

Arroz. Feijão. Um ovo. Perpétua havia colocado uma folha de alface embaixo do ovo, o que era um gesto de composição, de apresentação, de recusa estética da rendição — a marmita pequena arrumada com uma folha de alface como se arruma a mesa quando há visita, com o cuidado de quem sabe que a dignidade é também uma questão de forma e não apenas de conteúdo.

Comi o ovo em cima da alface em cima do feijão.

Pensei em Perpétua.

Ela havia acordado antes de mim naquela manhã com aquela expressão de quem não dormiu completamente, de quem esteve num estado intermediário entre o sono e a vigília que não é descanso nem pensamento mas é o espaço onde o corpo passa quando está processando o que o dia deixou sem resolução. Não havia dito o que processava. Eu não havia perguntado, porque a pergunta esta manhã teria sido o início de uma conversa para a qual nenhum dos dois tinha os recursos disponíveis antes das seis da manhã com as mochilas por arrumar e a menor com o humor imprevisível de criança de três anos e a torneira.

Pim.

Mesmo de longe, mesmo na empresa, ouvia a torneira. Não literalmente — mas havia um pim mental que havia se instalado na frequência de fundo do meu pensamento e que soava com a regularidade da torneira real, que era o som de algo que escapa em gotas, que se perde continuamente em quantidades pequenas que individualmente não importam e que somadas constituem um desperdício que nenhuma conta de água devolve.

À tarde, processo número onze. Doze. Treze.

Às dezasseis horas, o clipe cedeu.

Não completamente — cedeu de um lado, o suficiente para que a sola voltasse a ter aquele movimento de boca que abria na frente do sapato, o movimento que em qualquer sapato animado de desenho seria cômico e que no meu sapato naquela tarde era apenas a confirmação de que o provisório tem sempre uma duração que não se controla e que termina antes do definitivo estar disponível.

Fiquei sentado pela última hora de trabalho. Não por preguiça — por física. Sentado, o sapato fechava. De pé, abria. A escolha entre a mobilidade e a aparência era uma escolha que não deveria precisar ser feita e que naquela tarde precisava, e fiz a única escolha disponível — fiquei sentado, terminei os processos sentado, enviei os relatórios sentado, e quando foi hora de sair me levantei com a consciência de que os quarenta minutos de caminhada até casa seriam quarenta minutos de tapa-tapa anunciando a todos a condição do sapato e, por extensão, do homem que o usava.

Saí. A rua. O tapa-tapa.

Ninguém olhou. As pessoas nas ruas de uma cidade que não sabe seu nome não ouvem o tapa-tapa dos sapatos alheios, que é simultaneamente um alívio e uma confirmação — o alívio da invisibilidade e a confirmação de que a invisibilidade é total, que não é apenas o lado bom que é invisível mas o todo, que não são apenas os problemas que ninguém examina mas também as soluções, também a alface embaixo do ovo, também o clipe no sapato, também os quinze processos e o terço completo e os doze anos e os quatro filhos e a teimosia fundamental de continuar.

Tudo invisível.

Tudo.

No terceiro mistério doloroso, parei de rezar por um momento.

Não por crise de fé — por crise de voz. A voz interior com que rezo havia ficado rouca de um modo que não era físico, que era o rouquidão específica do que se usa demais sem ser ouvido, a rouquidão do grito que não saiu, que ficou dentro, que o corpo absorveu porque era o único lugar disponível para absorvê-lo.

Fiquei em silêncio por meio quarteirão.

Então continuei.

Porque parar completamente não era opção que eu reconhecia como disponível — não por heroísmo, não por virtude, mas por algo mais simples e mais irredutível que heroísmo e virtude, algo que não tem nome teológico adequado mas que existe, que existia em mim naquele quarteirão naquela tarde com o sapato tapa-tapando e a sola sorrindo para o asfalto como um idiota.

Cheguei em casa.

Perpétua estava na cozinha. Não me olhou de imediato — estava com a menor no colo e o telefone na orelha com a expressão de quem aguarda na linha de atendimento, expressão que conheço e que é a expressão da paciência técnica, da paciência de quem sabe que vai esperar vinte minutos de música ambiente antes de falar com alguém que vai transferir para outro setor onde vai esperar mais quinze.

Sentei na cadeira da cozinha e tirei o sapato.

Examinei o clipe. Estava dobrado além do dobramento original, torto de um modo que não voltaria à forma. A sola estava com uma abertura de uns três dedos na frente. O couro ao redor do bico estava gasto de um modo que sugeria que o sapato havia chegado ao ponto além do qual os reparos são mais caros do que a substituição, que é o ponto que os objetos desta vida chegam sempre antes que a substituição seja financeiramente possível, que é o ponto em que a pessoa inteligente faz a conta e a pessoa desta vida faz outra conta, uma conta diferente, uma conta que inclui variáveis que a conta inteligente não considera, variáveis como não há alternativa hoje e talvez na semana que vem e o clipe segurou até aqui.

Perpétua desligou o telefone. Olhou para o sapato na minha mão.

— O Seu Waldomiro — ela disse, antes que eu perguntasse. — Mandou uma mensagem dizendo que vai mandar alguém semana que vem.

— O alguém — disse eu.

— O alguém — ela confirmou.

Ficamos os dois olhando para o sapato que eu segurava como se segura uma evidência — não com raiva, não com tristeza, mas com aquele estado que existe depois da raiva e depois da tristeza, o estado sem nome que é o estado de quem chegou ao fundo não de um abismo mas de uma banheira — não há profundidade dramática, há apenas o fundo duro e frio e a água que não é suficiente para afundar mas também não é suficiente para nadar.

— Tem cola — ela disse, eventualmente.

— Acabou — disse eu. — Usei no sapato velho.

— A do vizinho.

O vizinho do lado tinha uma cola de sapateiro que havia emprestado duas vezes antes. Pedir pela terceira vez tinha um custo social que eu avaliava contra o custo do sapato aberto. O custo social perdeu.

Fui até o vizinho. Bati. O vizinho — Seu Aristides, aposentado, com aquela generosidade específica dos aposentados que têm tempo e que transformam o tempo em disponibilidade — abriu a porta com a cola já na mão, como se soubesse, o que era impossível mas que me fez pensar que talvez a miséria irradie, que talvez tenha uma frequência que os que estão por perto captam antes de saber que captam.

— O sapato — ele disse, não como pergunta.

— O sapato — confirmai.

Me deu a cola. Não disse mais nada, que foi o gesto mais generoso possível naquelas circunstâncias.

Voltei. Colei a sola com o cuidado de quem sabe que é a última vez que essa colagem vai funcionar, com a paciência de quem não tem pressa porque a pressa não mudaria o resultado. Deixei secar pressionado com o peso de um livro — o único livro grosso que havia prontamente disponível era um dicionário que compráramos quando o mais velho havia começado a escola, com as páginas já amolecidas pelo uso, pelo calor, pela umidade da casa.

O dicionário sobre o sapato.

As palavras sobre a sola.

Havia algo nisso que Perpétua viu também, porque me olhou com um olhar que tinha nele um lampejo — não de alegria, não de humor, mas daquele reconhecimento específico do absurdo que é a forma mais íntima de cumplicidade que temos.

Jantamos.

O mais velho disse, durante o jantar, com aquela seriedade de doze anos que às vezes me assusta pela precisão:

— Pai. Quando a gente vai ter uma casa maior?

O silêncio que se seguiu foi habitado por todos na mesa — pelos dois mais velhos que entendiam que a pergunta havia tocado em algo, pelos dois menores que

não entendiam mas que sentiram o peso do silêncio com a sensibilidade dos que ainda não aprenderam a ignorar o peso das coisas.

Olhei para o mais velho. Olhei para ele de verdade, com o olhar completo que os pais devem aos filhos e que nem sempre têm os recursos para dar — olhei para aquele rosto de doze anos que tinha já os traços do rosto que seria, já a seriedade que seria, já a percepção que seria.

— Um dia — disse.

Era a resposta honesta. Não a resposta boa — a boa seria logo, seria em breve, seria a promessa que os pais fazem quando preferem a consolação do filho à verdade do momento. Mas um dia era verdade. Um dia existia num futuro que não tinha data mas que existia, que eu precisava que existisse, que fazia parte do plano que estava no lugar onde existem as coisas que precisamos que existam antes de existirem de fato.

O mais velho assentiu. Com uma gravidade de quarenta anos.

— Tá — ele disse.

E voltou ao prato.

Naquela noite, no silêncio da sala com Perpétua depois das crianças, não rezei imediatamente. Fiquei olhando para o dicionário sobre o sapato no canto da cozinha que dava para a sala, e pensei numa coisa que não havia pensado com esta clareza antes, ou que havia pensado e afastado porque clareza demais às vezes é o que não se pode ter e continuar funcionando.

Pensai: até quando.

Não como Perpétua havia pensado — não como pergunta de engenheiro sobre estrutura. Como pergunta de homem que olha para um dicionário sobre um sapato e para uma torneira que pinga e para uma barata de barriga pra cima e para um escorpião no armário e para um e-mail com a palavra dedicação onde deveria estar seu nome e para uma navalha que cortou e para um clipe que cedeu e para um mais velho com olhos de quarenta anos perguntando sobre uma casa maior, e que faz a pergunta que o homem que ele é faz quando todas as outras perguntas foram feitas e não encontraram resposta.

Até quando.

Perpétua adormeceu no sofá antes de irmos para o quarto. Fiquei acordado. Terminei o terço. Olhei para ela dormindo com aquela expressão que as pessoas têm

no sono e que é a expressão mais honesta que se pode ver num rosto humano porque no sono não se constrói — é o rosto sem o trabalho do rosto, é a pessoa sem o esforço de ser pessoa, e o rosto de Perpétua no sono era um rosto de extraordinária beleza não física mas moral, a beleza das coisas que custaram muito e que existem apesar do custo, que existem por causa do custo.

Fiquei olhando por mais tempo do que o necessário.

Depois apaguei a meia luz.

O escuro.

A torneira.

Pim.

IV — Perpétua

Na quinta-feira Doutora Conceição me chamou à sala e fechou a pasta preta.

Não a abriu — a fechou. O que significava que desta vez não havia papéis. O que significava que a conversa não tinha documentação prévia. O que significava que o que seria dito era do tipo que não se escreve antes de dizer porque escrever antes cria registro e registro cria responsabilidade e a responsabilidade é o que esta conversa pretendia contornar.

Sentei.

Doutora Conceição ficou de pé — não atrás da mesa, ao lado dela, o que era uma posição que criava uma informalidade de encenação, uma intimidade de cenário que anunciava o tipo de conversa que usa a informalidade como instrumento.

— Perpétua — ela começou. — Quero conversar sobre o ambiente do setor.

O ambiente. A palavra com que se introduz o assunto sem nomeá-lo. Esperei.

— Tenho percebido algumas tensões — ela disse. — E quero que você saiba que minha porta está aberta se quiser conversar sobre qualquer coisa que esteja afetando seu trabalho.

Era uma oferta que era um aviso. Minha porta está aberta que significa sei que algo está acontecendo e estou posicionando esta conversa de modo que quando algo formal acontecer eu possa dizer que ofereci espaço e não fui procurada, que é a proteção que os gestores constroem antes que a situação os exija, que é o passo anterior ao passo que não querem ter que dar.

— Agradeço — disse. — Não há nada que esteja afetando meu trabalho.

Era uma meia verdade que era também a única resposta disponível, porque a outra metade da verdade — que havia sim algo acontecendo, que esse algo tinha nome e tinha rosto e havia fechado a porta da sala e havia mandado mensagem no aplicativo institucional e havia ido à Doutora Conceição mencionar minha ausência num jantar — a outra metade da verdade precisaria de mais do que uma conversa informal ao lado de uma pasta fechada para ser dita com a proteção mínima que eu necessitava.

— Fico contente — ela disse, com aquele tom que não é contentamento. — Mas Perpétua — e aqui o tom mudou, ficou mais baixo, mais próximo, mais da pessoa do que do cargo, que era o tom que eu desconfiava mais de tudo porque era o tom que custava mais a construir e que por isso era usado estrategicamente — o Rogério é um colega importante para o setor. Tem muito trânsito com a direção. Essas relações profissionais precisam de cuidado.

Ouvi.

Ouvi com toda a atenção disponível para garantir que havia ouvido o que havia sido dito e não outra coisa — que havia ouvido Doutora Conceição recomendar, numa conversa informal sem documentação, que eu cuidasse da minha relação com o homem que havia fechado a porta da minha sala e me oferecido apoio, que eu considerasse o trânsito que esse homem tinha com a direção, que eu calibrasse meu comportamento em função do poder relativo dos envolvidos.

A alma grita.

O corpo absorve.

— Entendo — disse.

Doutora Conceição pareceu satisfeita — aquele alívio novamente, aquele alívio de quem cumpriu uma etapa de um processo que prefere não existir mas que existe, e que agora pode registrar mentalmente como conversei com a Perpétua sem especificar sobre o quê, sem documentar o teor, sem criar o rastro que a responsabilidade deixa.

Saí.

No corredor, parei.

As paredes eram do bege que havia sido escolhido para ser neutro e que o tempo havia transformado em melancolia concreta. O ar-condicionado do corredor soprava frio. Da sala interna vinha o calor da tarde.

Fiquei no intervalo entre os dois — no limiar, nem no frio nem no calor, naquele espaço de transição que não é lugar nenhum e que por não ser lugar nenhum é o único lugar onde certos pensamentos podem ser pensados sem que o ambiente os contamine.

Pensei: há quanto tempo.

Não até quando — como Hilário pensara sem saber que eu também pensava, na mesma semana, em versões diferentes da mesma pergunta que é no fundo a mesma pergunta. Há quanto tempo — quanto tempo esta estrutura estava sustentando o que sustentava, quanto tempo os dois estávamos absorvendo o que absorvíamos, quanto tempo a postura ereta e o rosto sem denúncia e o silêncio protetor e a marmita e o clipe e a alface embaixo do ovo e os fragmentos de oração e o chocolate na bolsa.

Há quanto tempo.

E a resposta, que chegou sem drama, sem colapso, com a placidez das coisas que são simplesmente verdadeiras:

Há muito.

Voltei para a mesa.

Thereza me olhou. Eu a olhei.

— Tudo bem? — ela perguntou.

— Tudo — disse.

Trabalhei até às dezoito horas com a concentração de quem não tem o luxo de não trabalhar, que era toda a concentração que eu tinha, que era suficiente, que era sempre suficiente porque o suficiente era o único tamanho de medida que eu conhecia desde há muito e que havia aprendido a habitar não como resignação mas como uma espécie de arte menor, a arte de fazer caber o que não coube em nenhum outro lugar.

Na escada, nenhum Rogério.

Na rua, o ônibus.

No ônibus, os fragmentos.

Em casa, Hilário com o dicionário sobre o sapato no canto da cozinha, e as crianças, e a torneira, e o mais velho que havia perguntado sobre a casa maior, e a menor que dormiria com o ursinho, e o segundo menor com o caminhão de uma roda, e o segundo mais velho com os cadernos, e tudo isso que era nossa vida inteira cabendo naquele apartamento de três quartos que eram dois e uma divisória, com a mancha no teto que crescia em milímetros que eu não media mas sentia, com o rodapé levantado, com o alguém do Seu Waldomiro que não vinha.

Tudo isso que era nossa vida inteira.

Que não era pouco.

Que era, na verdade, demais — não demais de fardo, mas demais de vida, demais de real, demais de concreto e pesado e presente e verdadeiro.

E Deus no meio de tudo isso — não consolando, não explicando, não aparecendo com respostas que não havíamos pedido. Apenas presente, do modo impossível de descrever em que Deus é presente nas vidas dos que não perderam o fio, mesmo quando o fio é tão fino que não se vê, mesmo quando o fio é apenas o nome repetido como batimento, apenas Jesus, apenas isso, apenas o suficiente.

Apenas o suficiente.

Adormeci no sofá antes de querer.

Acordei no escuro, transportada — Hilário havia me levado para o quarto sem me acordar, o que fazia às vezes, o que era um gesto que não precisava de testemunha para existir, que existia entre nós como existem as coisas que não se dizem e não precisam ser ditas.

A torneira, na cozinha.

Pim.

Pim.

Os olhos abertos no escuro.

Há quanto tempo.

E no escuro, sem resposta, sem solução, sem o alguém do Seu Waldomiro — apenas a pergunta, e o escuro, e ao lado a respiração de Hilário que dormia com o esgotamento total de quem gastou o dia inteiro sendo invisível com toda a energia que tinha.

Fechei os olhos.

Dormi.

Amanhã era sexta-feira e havia o processo de Rogério para devolver e a carga adicional e o ofício que circulava pelo quinto despacho e Doutora Conceição com a pasta fechada e o mais velho com os olhos de quarenta anos e a torneira e a mancha e o Seu Waldomiro e o alguém e os fragmentos e o nome repetido como batimento.

Amanhã era sexta.

Dormimos.

CAPÍTULO V
Silêncio

——

I — Hilário

Há uma coisa que ninguém me ensinou e que aprendi sozinho, tarde, quase contra a vontade: que o amor verdadeiro não é o que sobra depois que tudo o mais foi resolvido. É o contrário. É o que resolve, à força, num mundo que insiste em não resolver nada.

Perpétua dormia ao meu lado naquela noite de sábado, com a respiração lenta de quem finalmente conseguira descansar depois de uma semana que não vou repetir aqui em detalhe — bastava saber que havia sido uma semana de mãos que tocam onde não deveriam e de portas que se fecham e de palavras ditas ao lado de pastas fechadas. Fiquei olhando para o rosto dela no escuro, para a linha da mandíbula que doze anos não haviam suavizado mas que também não haviam endurecido, para os cabelos que ela prendia de dia com uma disciplina quase militar e que à noite caíam soltos sobre o travesseiro com uma liberdade que parecia, sempre, um pequeno milagre cotidiano.

Pensei: esta mulher é a coisa mais extraordinária que já me aconteceu, e o mundo a trata como se ela fosse substituível.

A frase me veio com uma clareza que doía. Substituível. Era a palavra exata para o que sentíamos os dois, separadamente, em nossos respectivos escritórios — que poderíamos desaparecer hoje e amanhã alguém ocuparia nossas mesas, alguém com menos competência provavelmente, mas suficiente, e os processos continuariam fluindo, e os ofícios continuariam circulando, e ninguém pronunciaria nossos nomes além da primeira semana.

Mas aqui, naquela cama, no escuro, ela não era substituível. Era a única. Era a mulher que eu escolhera entre todas as mulheres do mundo, e que me escolhera entre todos os homens, e essa escolha mútua, renovada silenciosamente todos os dias através de gestos pequenos — o café da garrafinha, o chocolate partido ao meio, o terço rezado em paralelo — era a única instituição da minha vida que não me tratava como peça de reposição.

Toquei o rosto dela, de leve, sem acordá-la.

Ela se moveu, sonolenta, e murmurou meu nome — não como pergunta, apenas como reconhecimento, como o corpo que registra a presença familiar mesmo no sono.

— Hilário.

— Estou aqui — disse, baixo.

Ela abriu os olhos, devagar.

— Não conseguiu dormir?

— Estava te olhando.

Ela sorriu, naquele sorriso de meia-noite que era diferente de todos os outros sorrisos que eu conhecia dela — não construído, não estratégico, não o sorriso de proteção que reservava para Osvaldo nem o sorriso fechado que reservava para Rogério. Era o sorriso sem audiência, o único verdadeiramente gratuito.

— Seu bobo — ela disse, e havia naquelas duas palavras mais ternura do que em qualquer declaração elaborada.

Ficamos ali, no escuro, conversando em sussurros sobre nada — sobre uma lembrança antiga do namoro, sobre uma piada que os dois mais velhos haviam feito no jantar, sobre o cheiro específico da chuva que cairia, talvez, no dia seguinte. Conversa de gente cansada que ainda assim encontra, nos escombros do dia, um cantinho para ser apenas dois nomes, Hilário e Perpétua, sem cargos, sem acusações, sem processos administrativos.

— Eu queria poder te dar mais — disse eu, eventualmente.

— Você me dá tudo que importa — ela respondeu, sem hesitação, como quem responde algo já pensado e decidido há muito tempo, não uma cortesia da hora.

— O mundo não pensa assim.

— O mundo — ela disse, com um desprezo suave, quase carinhoso, do tipo que se reserva para um adversário que já se conhece bem demais para odiar de verdade — o mundo nunca entendeu nada sobre nós, Hilário. Nunca entendeu.

Beijei-a. Não com a urgência dos primeiros anos, mas com algo mais profundo — a urgência de quem sabe, sem saber dizer por quê, que o tempo que lhes resta naquela configuração específica, naquela cidade específica, naquela vida específica, talvez não seja ilimitado.

Dormimos, finalmente, enlaçados, como se o corpo do outro fosse o único território deste mundo que não exigia documento nem credencial nem aprovação de superior hierárquico.

Na segunda-feira, minha mãe telefonou.

Não era comum — minha mãe, viúva há oito anos, morava numa cidade a duzentos quilômetros e telefonava normalmente apenas em datas específicas, aniversários, o Natal, alguma emergência. Uma chamada numa segunda-feira qualquer já carregava, antes mesmo de eu atender, um peso de aviso.

— Hilário, meu filho.

— Mãe. Tudo bem?

— Tudo bem, sim. — Uma pausa que continha o contrário do que dizia. — Liguei porque sua irmã me contou uma coisa.

Minha irmã Michele morava na mesma cidade que minha mãe e mantinha, através de uma rede de parentes e conhecidos que se estendia de modo capilar por todo o estado, um conhecimento atualizado sobre praticamente tudo que acontecia com qualquer membro da família extensa — incluindo, percebi com um desconforto crescente, coisas que eu nunca lhe contara diretamente.

— Que coisa, mãe?

— Que vocês estão em dificuldades. Que o trabalho lhes consome.

Senti o rosto esquentar — não de vergonha exatamente, mas da sensação específica de ter algo privado exposto sem consentimento, descoberto não sei como, talvez através de algum colega que conhecia algum primo que conhecia minha irmã, a rede informal de informação que funciona nas famílias do interior com uma eficiência que nenhuma instituição formal jamais alcançaria.

— Nada demais, mãe. As coisas estão bem.

— Eu sei, meu filho. Eu te conheço. — A voz dela tremeu um pouco, o tremor específico das mães que envelhecem e que sentem o peso do filho mais do que conseguem expressar. — Mas isso me preocupa. Você trabalha tanto, sempre trabalhou tanto, desde pequeno, e agora mais velho...

Ela não terminou a frase. Não precisava.

— Estou bem, mãe. De verdade.

— Você sempre diz isso.

A frase me atingiu com mais força do que pretendia, porque era verdade, e porque vinda da minha mãe — que me conhecia desde antes de eu existir, que sabia ler entre as linhas da minha voz com uma precisão que nem mesmo Perpétua possuía — a constatação tinha o peso de um diagnóstico.

— Estou bem — repeti, porque era a única coisa que conseguia dizer, e porque parte de mim ainda acreditava nisso, ou precisava acreditar.

— Seu pai, que descanse, sempre dizia que você era orgulhoso demais para pedir ajuda. Será que ele estava certo?

A pergunta ficou no ar entre nós, através de duzentos quilômetros de linha telefônica, e eu não tive resposta — porque sim, talvez fosse orgulho, ou talvez fosse algo mais complicado do que orgulho, uma mistura de orgulho com a consciência exata de que a ajuda que minha família poderia oferecer era tão limitada quanto a nossa própria situação, que pedir ajuda a quem também vivia no aperto seria apenas distribuir o mesmo sofrimento por mais pessoas sem resolver nada.

— Estou bem, mãe — disse, pela terceira vez, e ela, depois de um silêncio longo, aceitou a mentira repetida com a resignação de quem ama demais para insistir além do que o filho permite.

Desliguei o telefone com uma sensação nova: que minha dor, que eu cuidadosamente isolara dentro das paredes da minha própria casa, havia encontrado uma fresta e escapado para fora, alcançando minha mãe a duzentos quilômetros de distância, que agora carregava, sem necessidade, um pedaço do meu próprio fardo.

Isso não era apenas a minha dor. Era a dor que se multiplicava, que se espalhava pela família como a mancha de umidade se espalhava pelo teto — silenciosa, mas inevitável, alcançando paredes que não tinham nada a ver com sua origem.

II — Perpétua

No mesmo dia, minha irmã Conceição — não confundir com a Doutora Conceição da repartição, ironia que sempre me divertiu de modo amargo — apareceu em casa sem avisar, no fim da tarde, com aquela expressão que ela tem quando decidiu que precisa "conversar séria".

Minha irmã é cinco anos mais nova, casada com um homem que tem um emprego estável numa construtora, sem filhos por escolha própria, e que vê nossa vida — a minha e a de Hilário — com aquela mistura de afeto genuíno e crítica reiterada que só os irmãos de vida mansa conseguem combinar sem aparente contradição.

— Perpétua, precisamos falar.

— Fala — disse, enquanto cortava legumes para o jantar, sem parar o que fazia, porque parar significaria dar à conversa um peso que eu não tinha certeza de querer dar.

— Mamãe me contou sobre a situação de vocês. Muitos filhos, pouca renda, desgaste no trabalho.

A rede informal, de novo. As fronteiras entre privacidade e família, sempre tão fluidas, sempre tão dispostas a desaparecer no momento em que menos se quer.

— Isto não lhe convém, Conceição.

— Eu sei que não. Mas Perpétua... — ela se sentou à mesa da cozinha, observando-me cortar os legumes com aquela atenção crítica que reservava para mim desde a infância. — Vocês dois estão se matando. Quatro filhos, dois empregos que não valorizam vocês, essas pessoas horríveis no trabalho de cada um... Quando é que vocês vão parar e pensar em vocês mesmos?

— Nós pensamos em nós mesmos. Pensamos nos meninos.

— Não é a mesma coisa — ela disse, com uma firmeza que reconheci como amor disfarçado de impaciência. — Vocês se sacrificam tanto pelos filhos que esquecem de cuidar de quem são os pais desses filhos.

Parei de cortar os legumes por um momento.

— O que você quer que eu faça, Conceição? Que abandone o trabalho? Que deixe Hilário enfrentar o peso da economia familiar sozinho? Que pare de ser mãe enquanto não resolvo tudo isso? Que mundo maravilhoso é esse que você vive?

— Quero que vocês considerem que talvez essa vida não seja a única vida possível. Vocês devem ser mais abertos... há muito tempo é só religião, religião, trabalho, trabalho...

A frase ecoou algo profundamente melancólico em minha alma. Hilário já havia abordado nossa situação sob o ponto de vista da falta de lazer e momentos a dois, mas ouvir isso da boca da minha irmã — que não sabia nada sobre nossa

verdadeira realidade — me deu uma sensação estranha, como se o universo estivesse, através de vozes diferentes e desconectadas, repetindo a mesma mensagem.

— Por que você está dizendo isso agora?

Conceição hesitou, e na hesitação vi algo que não esperava: lágrimas contidas, do tipo que minha irmã raramente mostrava porque considerava demonstração de fraqueza.

— Porque não me conformo, Perpétua. Não me conformo que vocês dois, com toda essa força que vocês têm, com toda essa paixão louca que vocês sempre tiveram um pelo outro — porque eu vejo, todo mundo vê o jeito como vocês continuam se olhando depois de tantos anos — não me conformo que essa força e esse amor não sejam suficientes para viver bem, sem que as obrigações esmaguem vocês aos poucos.

Larguei a faca. Abracei minha irmã.

Ficamos assim, as duas, na cozinha, com os legumes pela metade e o jantar atrasando, e percebi, naquele abraço, que minha dor era incompreensível; era uma dor que se multiplicava em mim, embora ninguém fosse capaz de perceber sua natureza: a natureza de desgaste lento de duas pessoas que, talvez, merecem mais do que recebiam. Ou talvez não. Só em outra vida.

— Vamos ficar bem, Conceição. Não preocupe.

— Eu sei que vão — ela disse, se afastando, dando um sorriso e voltando à compostura habitual. — Vocês sempre dão um jeito. Isso é o que mais me assusta, na verdade. Que vocês sempre encontrem um jeito de suportar, quando deveriam, às vezes, simplesmente recusar suportar. Relaxar, se divertir, ser menos "ortodoxos".

Ela foi embora antes do jantar, recusando o convite, dizendo que o marido esperava. Mas a frase ficou comigo a noite inteira: deveriam, às vezes, simplesmente recusar suportar... ser menos "ortodoxos" ...

Naquela noite, depois das crianças, Hilário me contou sobre o telefonema da mãe dele. Eu contei sobre a visita de Conceição. E percebemos, os dois juntos à mesa da cozinha, que nossas famílias — cada uma à sua maneira, através de canais diferentes, sem coordenação alguma entre si — estavam nos enviando, na mesma

semana, o mesmo recado silencioso. O recado de quem quer ajudar sem entender a raiz do sofrimento alheio.

— Parece que todo mundo sabe algo que nós ainda não decidimos dizer em voz alta — comentei.

— Talvez todo mundo só esteja vendo aquilo que é óbvio, porém, sem visualizar o que está em jogo realmente — disse Hilário.

Ficamos em silêncio por um tempo. Lá fora, a cidade seguia seu barulho de sempre, indiferente às mãos que tocam onde não deveriam e às pastas fechadas e aos sorrisos de triunfo de quem finalmente encontrou a arma que faltava.

— Eu te amo — disse Hilário, de repente, sem contexto aparente, mas com todo o contexto do mundo.

— Eu também te amo — respondi.

E havia, naquelas palavras ditas tantas vezes em doze anos, um peso novo naquela noite específica — não a repetição cansada de um hábito conjugal, mas a afirmação renovada de algo que sobrevivera a tudo que o mundo exterior insistira em jogar contra nós: a inveja de Osvaldo, o desprezo lascivo de Rogério, a indiferença calculada de Doutora Conceição, o silêncio cúmplice de Doutor Ércio, a injustiça de Fábio Augusto recebendo o que era nosso, a torneira que pingava, a mancha que crescia, o sapato que se desfazia.

Tudo isso existia. Tudo isso continuava existindo, fora daquela cozinha, fora daquele abraço.

Mas dentro, entre nós dois, havia algo que nenhuma dessas coisas conseguira tocar — algo que crescera, paradoxalmente, mais forte precisamente por ter sido testado por tanto sofrimento, como certas plantas que só florescem depois de atravessar o inverno mais severo.

Rezamos juntos de novo, como na noite anterior. E nessa repetição — rezar juntos, em vez de cada um em seu próprio terço silencioso — havia o início de algo novo entre nós: a decisão tácita, ainda sem palavras finais, de que dali em diante enfrentaríamos o que viesse não mais como dois indivíduos paralelos absorvendo separadamente o mesmo sofrimento, mas como uma única coisa, indivisível, que o mundo poderia tentar esmagar mas que, enquanto houvesse amor verdadeiro entre nós, nunca conseguiria realmente separar.

A torneira pingava.

Mas agora, deitados juntos, de mãos entrelaçadas no escuro, o som já não parecia tortura.

Parecia, estranhamente, uma espécie de relógio — contando não sabíamos bem o quê, mas contando, inegavelmente, em direção a algo.

CAPÍTULO VI
Evanescere

——

Na manhã em que o fato se tornou irreversível, ninguém na empresa percebeu nada de diferente nas primeiras horas, porque a ausência de um homem discreto produz, durante algum tempo, o mesmo silêncio que sua presença sempre produzira — e é precisamente essa identidade entre a falta e a presença que constitui a tragédia mais funda de certas vidas: serem tão pouco notadas em sua plenitude que sua ausência, a princípio, em nada altera a textura do mundo que abandonam.

A mesa de Hilário continuava no fundo da sala administrativa. O fluorescente continuava piscando sobre ela, fiel à sua avaria de meses, indiferente a quem estivesse ou não sentado abaixo de si para receber sua luz intermitente. Osvaldo chegou às oito e doze, como sempre, e levou quase uma hora para notar a cadeira vazia, e quando notou, não sentiu alarme — sentiu apenas a vaga satisfação de quem encontra, sem ter procurado, mais um motivo de superioridade: Hilário se atrasou, pensou, finalmente também ele, sem saber que estava testemunhando não um atraso, mas o início de uma ausência que se estenderia, sem explicação, sem bilhete, sem ligação, para sempre.

Doutor Ércio perguntou ao meio-dia se alguém sabia do Hilário. Ninguém sabia. Geraldo, que sabia de quase tudo, não sabia daquilo — e essa ignorância específica, em um homem cuja função social era saber, produziu nele um desconforto que ele mesmo não soube nomear, uma pequena fissura na arquitetura de sua utilidade.

À tarde, Doutor Ércio telefonou para o número de Hilário cadastrado nos registros da empresa. O número não atendeu. Tentou de novo no dia seguinte. E no seguinte. Ao final da semana, encontrou-se diante de um formulário de "abandono de emprego" que precisava preencher — um formulário burocrático, de poucas linhas, que reduzia três anos de trabalho competente e invisível a uma categoria administrativa entre tantas outras, e ele o preencheu com a mesma seriedade neutra com que despachava qualquer outro papel, porque era, ao fim, apenas isso que lhe restava fazer: classificar a ausência, arquivá-la, seguir adiante.

Fábio Augusto perguntou, na semana seguinte, quem assumiria os processos que haviam sido de Hilário. Doutor Ércio respondeu que seriam redistribuídos — a mesma palavra, a mesma vacuidade administrativa que já havia sido usada contra o próprio Hilário semanas antes, agora reaproveitada para sua ausência, como se a língua burocrática só dispusesse de um número limitado e reciclável de eufemismos para tudo que precisa dizer sem dizer.

Em três semanas, ninguém mais mencionou seu nome.

Em três meses, um novo funcionário ocupava a mesma mesa do fundo da sala, e perguntou, ao notar o fluorescente piscando sobre sua cabeça, se alguém poderia providenciar o conserto, e dessa vez — porque era um novo funcionário, e os novos funcionários ainda têm o privilégio temporário de serem notados — a lâmpada foi trocada em dois dias.

Na repartição, o desaparecimento de Perpétua seguiu uma coreografia semelhante, com as variações que cada instituição impõe à sua própria miséria.

Doutora Conceição, ao constatar a ausência não justificada, sentiu primeiro uma irritação administrativa — havia um processo de reclassificação inacabado, uma carga de trabalho que precisaria ser redistribuída, um buraco no organograma que precisava ser preenchido antes do fim do mês para que os indicadores da repartição não registrassem queda de produtividade. Somente depois, e de modo mais fraco, sentiu algo que talvez fosse remorso — um pensamento fugaz sobre a conversa ao lado da pasta fechada, sobre a palavra fator, sobre o alívio impróprio que sentira quando Perpétua dissera que consideraria a candidatura com cuidado.

Esse remorso durou, no máximo, uma tarde.

Thereza foi quem sentiu de modo mais genuíno. Procurou Perpétua no celular, sem resposta. Foi até o endereço registrado nos arquivos da repartição e encontrou o apartamento vazio, as chaves devolvidas ao proprietário, Seu Waldomiro, que disse apenas que a família havia saído "de repente, sem aviso", deixando um mês de aluguel pago além do devido, como se a última transação daquela família com o mundo institucional que os rodeava tivesse sido, ironicamente, um ato de honestidade excessiva — pagando além do necessário a quem nunca lhes dera nada além do estritamente contratual.

Rogério, quando soube, fez um comentário breve, quase displicente, a um colega — "pois é, foi embora sem mais nem menos, deve ter conseguido algo melhor"

— e seguiu adiante com sua vida, sua esposa cansada, suas próximas aproximações a outras mulheres em outros corredores, porque homens como Rogério não enxergam ausências como perdas: enxergam-nas apenas como o fim de um capítulo numa narrativa que sempre tem outro capítulo disponível.

Doutora Conceição, em quatro meses, ao ser perguntada por uma colega nova sobre quem havia trabalhado naquela mesa antes, hesitou um instante longo demais antes de lembrar o nome completo, e disse, finalmente, com uma simplicidade que continha, sem que ela percebesse, todo o veredito de uma vida:

— Perpétua. Era um nome bonito, não era? Trabalhava bem.

Era tudo o que restava: um nome bonito, e a constatação de que trabalhava bem. Nem mais, nem menos. A síntese perfeita do que as instituições modernas, despidas de qualquer memória que não seja funcional, são capazes de oferecer àqueles que as serviram com excelência: um adjetivo para o nome, um advérbio para o trabalho, e o esquecimento como destino final e inevitável.

Os filhos não foram esquecidos do mesmo modo — porque crianças, mesmo as mais discretas, deixam atrás de si vestígios que os adultos não deixam: um lugar vazio numa sala de aula, um nome chamado em voz alta na chamada matinal que ninguém mais responde.

A professora do mais velho, ao constatar três faltas consecutivas sem justificativa, telefonou para a casa. Não houve resposta. Telefonou novamente. Depois de uma semana, preencheu o procedimento padrão para casos de evasão escolar, um formulário que seguiria para o conselho tutelar, que abriria um processo, que enviaria uma notificação para um endereço que já não correspondia a ninguém, que retornaria como correspondência não entregue, que seria arquivada, e ali, nesse arquivamento silencioso, terminaria oficialmente qualquer interesse institucional pelo destino de quatro crianças que um dia haviam sido, para o sistema educacional da cidade, apenas quatro números de matrícula entre milhares.

A colega de classe do segundo mais velho perguntou, durante algumas semanas, "cadê o menino que sentava ali?", até que a pergunta, sem resposta satisfatória, deixou de ser feita — porque é assim que as crianças aprendem, antes mesmo de saberem nomear o aprendizado, a primeira grande lição que o mundo lhes ensina sobre a impermanência dos vínculos: que as pessoas desaparecem, e a vida, implacável em sua continuidade, simplesmente segue.

E contudo — e é aqui que a história precisa, finalmente, revelar o que escondera de seus próprios leitores até este momento, não por engano, mas por uma reserva deliberada, a reserva que toda verdadeira humildade impõe sobre si mesma — havia algo que nem Doutor Ércio, nem Doutora Conceição, nem Osvaldo, nem Rogério, nem o sistema inteiro de pequenas indiferenças que constituíra a vida cotidiana de Hilário e Perpétua jamais souberam, porque jamais se dignaram a perguntar, porque a pergunta exigiria reconhecer no outro uma profundidade que a função burocrática deles não lhes permitia ou não lhes interessava reconhecer.

Não sabiam, por exemplo, que Hilário, nas duas semanas finais antes do desaparecimento, havia escrito treze cartas — não de despedida, nada tão simples e tão fácil de nomear quanto isso, mas cartas de gratidão dirigidas, uma a uma, a pessoas específicas de sua vida que jamais saberiam o quanto haviam significado: ao padre Agostinho da paróquia, que dizia a missa das seis da manhã com aquela voz que parecia vir de mais longe que o altar; a Seu Aristides, o vizinho que emprestara a cola de sapateiro sem fazer perguntas; ao próprio Geraldo, a quem agradecia, com uma sinceridade que teria surpreendido o destinatário, por ter dito, uma única vez, que a injustiça da promoção "não era justa" — porque às vezes, escrevia Hilário, uma única frase verdadeira pesa mais do que anos de silêncio cúmplice ao redor.

Não sabiam que Perpétua, na noite anterior à partida, havia voltado pela última vez à pequena capela da paróquia, sozinha, depois que as crianças dormiram, e ali, diante do sacrário, não pedira nada — não pedira proteção, não pedira sucesso, não pedira nem mesmo compreensão por parte daqueles que a humilharam. Pedira apenas, nas palavras que mais tarde ninguém jamais saberia que ela dissera, que Deus "cuidasse também daqueles que não souberam ver" — de Rogério, de Doutora Conceição, de Osvaldo — porque a misericórdia que ela praticara a vida inteira, mesmo faminta, mesmo humilhada, mesmo com as mãos tocadas onde não deveriam ser tocadas, não se permitiria abandonar justamente no momento em que mais teria razão e direito de fazê-lo.

Hilário e Perpétua haviam decidido, finalmente, que escolheriam não pelo cálculo da segurança ou pelo cálculo do conforto, mas por aquilo que mais se aproximasse do que ambos, desde a juventude, antes mesmo de se conhecerem, haviam desejado sem nunca terem tido a oportunidade de articular em palavras:

uma vida em que o trabalho de suas mãos pertencesse, finalmente, inteiramente a eles mesmos e a Deus, e a mais ninguém — pois o mundo que não merecia toda a verdade sobre eles também não merecia nenhuma informação sobre seu destino, que eles preferiram não revelar.

O que se sabe — porque isso, sim, ficou registrado, não em arquivo de repartição nenhuma, mas na memória involuntária e teimosa dos poucos que de fato os amaram — é que partiram juntos, de mãos entrelaçadas, na madrugada de uma quinta-feira, levando os quatro filhos ainda sonolentos, levando o terço de Hilário e os fragmentos de oração de Perpétua, e deixando atrás de si um apartamento vazio com um mês de aluguel pago além do devido, uma torneira que finalmente alguém consertaria para o próximo inquilino, e uma mancha de umidade no teto que continuaria, silenciosa e indiferente, sua lenta e geológica expansão, exatamente como continuaria, em todas as repartições e empresas e cidades deste mundo seguinte, a expansão lenta e geológica da indiferença humana — sobre os ombros de quem, sem nunca ter sido visto em sua inteireza, sustentou, com mãos que ninguém apertou em despedida, o peso exato do que os outros, soberanamente cegos, jamais souberam que existia.

E até a presente linha, ninguém ouviu falar de seu paradeiro.

— FIM —

Prompt Engineer: Maike Cabral

2026